

Uma carta
de um lugar
de minha mente
James Baldwin

“O que os brancos não sabem,
os negros revelam, de maneira
precisa e inexorável, o que eles
não sabem sobre si mesmos.”

tradução de *haroldo saboia*



Tome aos ombros o fardo do homem branco -
Você não quererá rebaixar-se a menos -
nem clamar demais pela liberdade para enconbrir o seu fastio;
por tudo que gritar ou sussurrar,
por tudo o quanto fizer ou deixar de fazer,
os povos silentes, taciturnos,
hão de tomar a medida do seu Deus e a sua.

R.Kipling

Ao pé da cruz onde morrer o meu Salvador,
ali onde implorei para ser liberto do pecado,
foi o sangue aplicado ao meu coração,
que entoava os louvores ao Seu nome!

Spiritual escrita por Elisha Albright Hoffman

Eu sofri durante o verão em que completei catorze anos uma prolongada crise religiosa. Uso “religiosa” em sentido comum e arbitrário, significando que então descobri Deus, seus santos e anjos e seu inferno ardente. Na medida em que nasci em uma nação cristã, aceitei esta divindade como a única. Supunha que Ele existisse apenas dentro dos muros de uma igreja - na verdade, de nossa igreja - e eu também supunha que Deus e segurança eram sinônimos. A palavra “segurança” nos leva ao verdadeiro significado da palavra “Religioso” como a usamos. Portanto, para dizer de outra maneira, mais precisa: tornei-me, durante o meu décimo quarto ano, pela primeira vez na minha vida, medroso - medo do mal dentro de mim e medo do mal exterior a mim. O que vi ao meu redor naquele verão no Harlem foi o que eu sempre vira; nada mudara. Mas agora, sem nenhum aviso, as prostitutas, os cafetões e os vigaristas da Avenida tornaram-se uma ameaça pessoal. Não me ocorreu antes que eu pudesse me tornar um deles, mas agora percebi que tínhamos sido produzidos pelas mesmas circunstâncias. Muitos de meus companheiros estavam claramente seguindo para as ruas e meu pai dizia que eu também seguia nesta direção. Meus amigos começaram a beber e fumar, e embarcaram - inicialmente ávidos, depois entregues - a suas vidas sexuais.

As meninas filhas de pais sagrados, apenas um pouco mais velhas que eu, que cantavam no coral ou assistiam aula na escola dominical, sofriam diante dos meus olhos uma incrível metamorfose, da qual o aspecto mais desconcertante não eram seus seios brotando ou seus quadris, mas algo mais profundo e sutil aos olhos, ao calor, ao odor e à influência de suas vozes. Como os estranhos na avenida, elas se tornaram, num piscar de olhos, indescritivelmente diferentes e fantásticamente presentes. Pelo modo como fui criado, o abrupto desconforto que tudo isso despertou em mim e o fato de eu não ter idéia do que minha voz ou minha mente ou meu corpo provavelmente fariam em seguida levaram-me a me considerar uma das pessoas mais depravadas do mundo. Estes pensamentos não eram encorajados pelo fato de que essas meninas sagradas pareciam gostar de meus terríveis lapsos, de nossas experiências sombrias, culpadas e atormentadas, que eram tão descontraídas - desmotivadas - e sem alegria quanto as estepes russas e muito mais quentes que todos os fogos do inferno.

No entanto, havia algo mais profundo que essas mudanças e menos tangível que me assustou. Isso era real tanto nos meninos quanto nos meninas, mas era, de alguma forma, mais vívida nos meninos. No caso das meninas, assisti-las transformando-se em matronas antes de tornarem-se mulheres. Elas começaram a manifestar uma curiosidade e uma determinação realmente aterrorizantes.

É difícil dizer exatamente como isso foi comunicado: algo implacável no conjunto dos lábios, algo que visto à distância (vendo o quê?) em seus olhos, algo novo e esmagador em sua determinação na caminhada, algo peremptório na voz. Os meninos não mais nos provocaram; eles nos repreendiam bruscamente, dizendo: “Espero que esteja pensando em sua alma!”. As meninas também viam as evidências das ruas, sabiam qual o preço seria, para elas, um passo em falso, sabiam que tinham que ser protegidas e que nós éramos a única proteção que havia. Elas entendiam que deveriam agir como iscas de Deus, salvando as almas dos meninos para Jesus e anexando seus corpos ao casamento. Esse foi o momento que começamos efetivamente a queimar. São Paulo, que em outro momento se descreveu com uma exatidão impressionante de um “homem miserável”, disse: “É melhor casar-se do que queimar”. E comecei a sentir nos meninos uma curiosidade, um desespero desconfiado e desconcertado, como se eles agora estivessem se instalando no longo e difícil inverno da vida. Até o momento, eu não sabia o que isto significava.

Eu estava reagindo; eu disse a mim mesmo que eles estavam abdicando de si mesmos. Da mesma forma que as meninas estavam destinadas a ganhar muito peso como suas mães, ficou claro a mim que os meninos não evoluiriam mais que seus pais. A escola começara a se revelar, portanto, como um jogo de criança que não se pode vencer, e os meninos abandonam a escola e vão trabalhar. Meu pai queria que eu fizesse o mesmo. Eu recusei, mesmo que naquele momento eu não tivesse mais ilusões sobre o que uma educação poderia fazer por mim; Eu já tinha encontrado muitos trabalhadores de pós-graduação. Meus amigos estavam agora “no centro”, ocupados, como eles diziam, “brigando com o Homem”. Eles começaram a se importar menos sobre a aparência deles, a maneira como se vestiam, as coisas que faziam; atualmente, os encontramos em grupos de dois e três ou em quatro, em becos, compartilhando uma garrafa de vinho ou de uísque, conversando, xingando, murmurando, às vezes chorando: perdidos e incapazes de dizer o que era aquilo que os oprimia, exceto que eles sabiam que era “o homem” – o homem branco.

E parecia não haver nenhuma maneira de remover esta nuvem que estava entre eles e o sol, entre eles e o amor, entre a vida e o poder, entre eles e o que quer que seja o que eles queriam. Não era preciso ser muito inteligente para perceber o quão pouco se poderia fazer para mudar a situação; não é necessário ser estranhamente sensível para sofrer ao limite pela humilhação incessante e gratuita e ao perigo enfrentado todos os dias de trabalho, durante o dia inteiro. A humilhação

não se aplicava apenas a dias de trabalho

Eu tinha treze anos e estava atravessando a Quinta Avenida no meu caminho para a biblioteca da Rua 42, e o policial no meio da rua murmurou enquanto eu passeava: “Por que vocês negros não ficam na sua parte da cidade?”. Quando eu tinha dez anos e não parecia, certamente, mais velho, dois policiais divertiam-se comigo, revistando-me, fazendo especulações cômicas (e aterrorizantes) sobre meus ancestrais e uma provável proeza sexual, me deixando de costas em um dos lotes vazios do Harlem. Pouco antes e depois e também durante a Segunda Guerra Mundial, muitos dos meus amigos entraram no serviço militar, todos para serem transferidos, e raramente para melhor, muitos para serem humilhados, e muitos para morrer. Alguns seguiram para outros estados e cidades – ou seja, para outros guetos. Alguns passaram a beber vinho, uísque, usar drogas e, sem dúvida, permanecem viciados. E outros, como eu, entraram para a igreja.

O custo do pecado era visível em todos os lugares, em todos os becos manchados de vinho e com urina, em todas as sirenes de ambulância, em cada rosto dos cafetões e das suas prostitutas, em todo bebê indefeso e recém-nascido trazido a esse universo perigoso, em toda briga de faca e pistola na Avenida e em todos os boletins desastrosos: uma prima, mãe de seis filhos, de repente enlouqueceu, as crianças aqui e ali; uma tia indestrutível recompensada por anos de trabalho duro com uma morte lenta e agonizante em uma pequena e terrível sala; o filho brilhante de alguém conduzido à eternidade por suas próprias mãos; outro virou ladrão e foi encarcerado. Foi um verão de terríveis especulações e descobertas, das quais essas não eram as piores. O crime, por exemplo, se tornou real – pela primeira vez –, não como uma possibilidade, mas como a possibilidade. Não se poderia derrotar as circunstâncias trabalhando e poupando algum dinheiro; ninguém conseguiria por meio do trabalho, além disso, o tratamento social concedido inclusive aos negros de maior sucesso provou que era necessário, para ser livre, algo mais do que uma conta bancária. Era preciso uma ferramenta, um pé-de-cabra, um meio de inspirar medo.

Estava absolutamente claro que a polícia o chicotearia e o levaria preso sempre que pudesse e que todos os outros – donas de casa, taxistas, garotos do elevador, lavadoras de louça, barmen, advogados, juízes, médicos e donos de mercearias – nunca, por meio de qualquer sentimento humano generoso, deixariam de usá-lo como uma saída para suas frustrações e hostilidades. Nenhuma razão civilizada, nem o amor cristão faria com que qualquer uma dessas pessoas tratasse os negros

como eles gostariam de ser tratados; apenas o medo de que seu poder de retaliar os levaria a fazer isso, ou pareceria fazê-lo, o que era (e é) bom o suficiente. Parece haver uma vasta confusão sobre esse ponto, mas eu não conheço muitos negros que estão ansiosos para serem “aceitos” pelos brancos, muito menos para serem amados por eles; os negros simplesmente não querem ser humilhados ou espancados na cabeça pelos brancos a cada instante de nossa breve passagem por este planeta. Os brancos neste país terão aprendizados suficientes sabendo como amar a si e aos outros, e quando conseguirem - o que não será amanhã e pode muito bem nunca acontecer - o problema dos negros não mais existirá, pois não será necessário.

As pessoas mais bem instaladas que nós no Harlem foram e são, sem dúvida, encontradas na psicologia e na visão da natureza humana esboçada acima: sombria e chocante ao extremo. Mas a experiência do negro no mundo branco não pode criar nele qualquer respeito pelos padrões pelos quais o mundo branco afirma viver. Sua própria condição é uma prova esmagadora de que os brancos não vivem de acordo com esses padrões. Empregados negros têm contrabandeado probabilidades e acabam fora de casas brancas há gerações, e os brancos têm o prazer de fazê-lo, porque isso acalmou uma pequena culpa e testemunha a superioridade intrínseca de pessoas brancas. Mesmo o negro mais idiota e servil dificilmente deixaria de se impressionar com a disparidade entre sua situação e a das pessoas para quem ele trabalha. Os negros que não eram idiotas nem servis não sentiam que estavam fazendo algo errado quando roubavam pessoas brancas.

Apesar da equação puritano-ianque da virtude com o bem-estar, os negros tinham excelentes razões para duvidar que o dinheiro ganho era fruto de uma forte adesão às virtudes cristãs; certamente não funcionou assim para os cristãos negros. De qualquer forma, os brancos, que roubaram a liberdade dos pretos e que lucraram por todas as horas em que viviam, não possuem base moral em que se apoiar. Eles tinham juízes, júris, espingardas, lei - em uma palavra: poder. Mas era um poder criminoso, para ser temido, mas não respeitado, e ser enganado de qualquer maneira. E aquelas virtudes pregadas, mas não praticadas pelo mundo branco, eram apenas outro meio de manter os pretos subjugados.

Aconteceu, então, naquele verão, que as barreiras morais que eu acreditava existir entre mim e os perigos de uma carreira no crime era tão tênue que quase não existia. Eu, certamente, não consegui descobrir nenhuma razão inicial para não me tornar um criminoso, e não são meus pobres pais tementes a Deus que

devem ser indiciados pela falta, mas esta sociedade. Eu estava determinado realmente, mais do que eu sabia na época - nunca fazer as pazes com o gueto, mas morrer e ir para o inferno antes que eu deixasse o homem branco cuspir em mim, antes que eu aceitasse meu “lugar” nesta república. Eu não pretendia permitir que os brancos deste país me dissessem quem eu era, me limitarem daquele jeito e me moldarem daquela maneira. E, no entanto, eu estava sendo arremessado, definido, descrito e limitado, e poderia ter sido moldado sem nenhum esforço. Na minha situação, todo garoto negro - durante esses anos, pelo menos - que chega a esse ponto percebe profundamente porque ele quer viver, que ele está em grande perigo e deve encontrar, com rapidez, uma “coisa”, um artifício, para levantá-lo, iniciá-lo no seu caminho. E não importa qual estratégia usar. Foi esse último acontecimento que me aterrorizou e - desde que revelou que a porta se abriu em meio a tantos perigos - contribuiu para me lançar à igreja. E, por um paradoxo imprevisível, foi minha carreira na igreja que acabou sendo meu estratégia.

Pois quando tentei avaliar minhas capacidades, percebi que não tinha quase nenhuma. Para alcançar a vida que eu queria, o que me propunha nela, parecera que eu havia recebido a pior herança possível. Eu não poderia me tornar um boxeador - muitos de nós tentaram, mas poucos conseguiram. Eu não sabia cantar. Eu não sabia dançar. Condicionado pelo mundo em que crescera, eu não me atrevia com seriedade a aceitar a ideia de me tornar um escritor. A única outra possibilidade parecia tornar-me uma daquelas pessoas sórdidas da Avenida, que não eram realmente tão sórdidos como eu imaginava, mas que me assustavam terrivelmente, tanto porque eu não queria viver aquela vida e por causa do que me fizeram sentir. Tudo me excitava, e isso já era ruim o suficiente, mas eu também me tornei uma fonte de maldade e tentação. Infelizmente, a boa educação que havia recebido me impedia de acreditar que qualquer uma das propostas extremamente explícitas que me foram feitas naquele verão, às vezes por meninos e meninas, mas também, alarmantemente, por homens e mulheres mais velhos, tivesse algo a ver com a minha capacidade de atração pessoal. Pelo contrário, uma vez que a ideia de sedução do Harlem é, para dizer o mínimo e sem rodeios, e o que quer que essas pessoas viram em mim, apenas confirmou meu sentimento de depravação.

Certamente, é triste que o despertar dos sentidos nos leve a um julgamento tão impiedoso de si mesmo - para não falar do tempo e angústia que se gasta no esforço de chegar a qualquer outra apreciação - mas é inevitável que uma tentativa literal de mortificar a carne deve existir entre os negros, como aqueles com os quais cresci. Neste país, os negros - e eles não existem, estritamente ou jurídica-

mente falando, em qualquer outro país - são ensinados a se desprezar a partir do momento em que seus olhos se abrem para o mundo. Este mundo é branco, e eles são pretos. Os brancos detêm o poder, o que significa que eles são superiores aos negros (intrinsecamente, isto é: Deus os decretou assim), e o mundo tem inúmeras maneiras de tornar essa diferença conhecida, sentida e temida. Muito antes da criança negra perceber e entender essa diferença, ela começa a reagir, começa a sofrer esta dominação. Todo esforço feito pelos mais velhos para prepará-las contra o destino do qual eles não conseguem se proteger, a criança aguarda secretamente, aterrorizada, seu castigo misterioso e inexorável. Ela deve ser “boa” não apenas para agradar seus pais e não apenas para evitar ser punido por eles; por trás da autoridade dos pais, está outra, anônima e impessoal, nitidamente mais difícil de agradar e abissalmente cruel. E esta ideia se infiltra na consciência da criança através do tom de voz de seus pais nas situações em que é exortado, punido ou amado; ela se exemplifica na incontrolável nota de medo ouvida na voz da mãe ou do pai quando a criança ultrapassa algum limite particular. Ele não sabe qual é o limite e não obtém explicação, o que já é assustador o suficiente, mas o medo que ele ouve nas vozes de seus pais é mais assustador ainda. O medo que pressenti na voz do meu pai, por exemplo, quando ele percebeu que eu realmente acreditava que poderia fazer qualquer coisa que um garoto branco poderia fazer, e que tinha toda a intenção de prová-lo, não era nada igualável ao medo que sentíamos quando um de nós ficava doente, escorregava das escadas ou se perdia de casa.

Era outro tipo de medo, um medo de que a criança, ao desafiar as suposições do mundo branco, estivesse colocando-se inequivocamente no caminho da destruição. Graças a Deus, uma criança não sabe quão vasta e impiedosa é a natureza do poder e com que crueldade inacreditável as pessoas podem tratar-se umas às outras. Sua reação ao medo nas vozes de seus pais advém da ideia de que eles sustentam o seu mundo e que, sem eles, não há proteção. Defendi-me, como imaginei, contra o medo que meu pai me fazia sentir por lembrar que ele era muito antiquado. No entanto, eu me orgulhava do fato de já saber como enganá-lo. Defender a si mesmo contra um medo é simplesmente garantir que um dia você seja conquistado por ele: os medos devem ser enfrentados. Quanto à inteligência de cada pessoa, não é verdade que alguém possa viver por esses medos - não, se quer realmente efetivamente viver. Naquele verão, de qualquer forma, todos os medos com os quais eu tinha crescido, e que agora faziam parte de mim e controlavam minha visão do mundo, ergueram-se como um muro entre o mundo e eu, e isso me conduziu para a igreja.

Quando olho para trás, tudo o que fiz parece curiosamente deliberado, embora certamente na ocasião não parecesse assim. Por exemplo, eu me juntei à igreja da qual meu pai era membro e na qual ele pregava. Meu melhor amigo na escola, que frequentou uma igreja diferente, já “entregara sua vida ao Senhor”, e ele se mostrava pessoalmente ansioso com a salvação da minha alma. (Eu não estava, mas qualquer solidariedade humana era melhor que nenhuma.) Um sábado à tarde, ele me levou à igreja dele. Não havia atividades religiosas naquele dia, e a igreja estava vazia, exceto por algumas mulheres realizando a limpeza e outras orando. Meu amigo me levou para a sala dos fundos para apresentar-me a sua pastora. Bem vestida, ali estava sorridente e sentada, uma mulher extremamente orgulhosa e bonita, seu rosto era uma mistura de África, Europa e América do Norte indígena. Ela tinha talvez quarenta ou cinquenta anos naquele momento e, em nosso contexto, era uma mulher célebre. Meu amigo estava prestes a me apresentar, quando ela olhou para mim, sorriu e disse: “A quem você pertence, menino?”. Inacreditavelmente, essa frase era usada precisamente pelos cafetões e mafiosos da Avenida quando eles sugeriram, ambos debochadamente e intensamente, que eu seguisse ao lado deles. Talvez, parte do terror que eu sentira, decorria do fato que eu indiscutivelmente queria ser o garotinho de alguém. Eu vivia tão assustado e à mercê de tantas interrogações, que inevitavelmente, naquele verão, alguém terminaria por adotar-me; no Harlem, não se fica muito tempo disponível.

Talvez fosse sorte que eu me encontrasse envolvido na igreja, me entreguei a uma sedução espiritual muito antes de eu ter conhecimento carnal. Pois quando a pastora me perguntou, com aquele sorriso maravilhoso, “A quem você pertence, menino?” meu coração respondeu imediatamente: “A você, naturalmente.”

O verão passou, e as coisas pioraram. Senti que um sentimento de culpa e medo inexorável crescia dentro de mim, até que uma noite, inevitavelmente, quando a pastora terminou de pregar, tudo aquilo emergiu rugindo, gritando e gemendo, e eu, portanto, despenquei no chão diante do altar. Foi a sensação mais estranha que já tive, não podia imaginar até aquele momento ou desde então que isso iria acontecer ou que poderia acontecer. Normalmente, mantinha-me de pé, cantando e batendo palmas e, ao mesmo tempo, trabalhando mentalmente o enredo de uma peça teatral que elaborava; no momento seguinte, sem transição, sem sensação de que havia caído, eu estava de costas, com as luzes me ofuscando e todos os santos verticais acima de mim. Eu não sabia explicar o que fazia naquela posição ou como havia chegado lá. E é impossível descrever a angústia que me

atormetava. Ela se moveu sobre mim de modo semelhante àquelas que devastam municípios, destruindo tudo, separando os filhos de seus pais, os amantes um do outro e fazendo de tudo uma tragédia inominável. Apenas me lembro da dor, a dor indizível; era como se eu estivesse gritando aos Céus, e este não quisesse me ouvir. E se acaso não acontecesse, se o amor não pudesse descer do céu - para me purificar, para me limpar - então um desastre total era o destino que me esperava. Sim, de fato significa que algo - algo indizível - ter nascido preto, em um país branco, um país anglo-teutônico, anti-sexual. Em pouquíssimo tempo e sem saber, a pessoa abandona toda esperança de comunhão.

Nós, os pretos, principalmente, olhamos para baixo ou olhamos para cima, mas costumamos olhar um para o outro, e os brancos, principalmente, olham em outra direção. E o universo é simplesmente um rufar de tambores; não há nenhuma maneira de dar sentido à vida, de amar a esposa e os filhos, ou os amigos, ou sua mãe e seu pai, ou mesmo ser amado. O universo, que não é meramente composto pelas estrelas, a lua e os planetas, flores, grama e árvores, mas outras criaturas, não desenvolveu condições para nossa existência, não abriu espaço para nós, e se não é o amor a abrir os portões, nenhuma outra força o fará ou reivindicará. E se alguém se desesperar do amor humano - com quem não aconteceu? -, resta apenas o amor de Deus. No entanto, é uma obviedade - e eu senti isso naquele antigo dia, naquele chão tremendo, sem querer - que Deus é branco. E se seu amor é tão grande, e se Ele ama todos os Seus filhos, por que nós, os negros, fomos relegados a este lugar tão inferior? Por quê? Apesar de tudo o que eu disse posteriormente, não encontrei resposta naquele chão - não aquela resposta - e permaneci no chão a noite toda. Sobre mim, os santos cantaram, se alegraram e oraram. E pela manhã, quando eles me levantaram, me disseram que eu estava “salvo”.

Bem, de fato, eu estava completamente esgotado e exausto, e liberado, pela primeira vez, de todo o meu sentimento de culpa. Eu estava ciente, então, apenas do meu alívio. Por muitos anos, após esse evento, não cessei de perguntar a mim, por que a paz humana deveria ser conquistada de uma só vez tão pagã e tão desesperada e ao mesmo tempo tão indizivelmente conservadora e tão indescritivelmente revolucionária. E quando encontrei formas de elaborar essas interrogações, também pude ver que os princípios que regem os ritos e costumes das igrejas nas quais cresci não diferem dos princípios que regem os ritos e costumes de outras igrejas, a dos brancos. Os princípios eram Cegueira, Solidão e Terror, o primeiro princípio ativamente cultivado para negar os outros dois. Eu adoraria acreditar que os princípios eram a fé, a esperança e a caridade, mas definitivamente a maio-

ria dos cristãos, ou para o que chamamos de mundo cristão, sabe que tal realidade não acontece.

Eu estava salvo. Mas, ao mesmo tempo, por meio de uma profunda astúcia adolescente que não pretendo entender, percebi imediatamente que não poderia permanecer na igreja apenas como outro crente qualquer. Buscava algo para fazer, de modo a não me tornar aborrecido e não estar entre os miseráveis não salvos da Avenida. E não nego o desejo de ser melhor que meu pai em seu próprio terreno de atuação. De qualquer forma, após ingressar na igreja, tornei-me pregador - um jovem pastor - e ocupei o púlpito por mais de três anos. Minha juventude rapidamente trouxe-me um reconhecimento muito maior do que o de meu pai.

Utilizei-me desta vantagem sem piedade, pois era o meio mais eficaz que eu encontrara para destruir o domínio que ele exercia sobre mim. Esse foi o momento mais assustador da minha vida e, sem dúvida, o mais desonesto; desta histeria resultante, por um tempo, tomei emprestado uma grande paixão direcionada aos meus sermões. Eu gostei da atenção e da relativa imunidade à punição que meu novo status me deu, agradava-me, sobretudo, o repentino direito à privacidade. Era preciso reconhecer, afinal, que eu ainda era um estudante com meus trabalhos escolares a cumprir e era também esperado que eu preparasse pelo menos um sermão por semana. Durante o que podemos chamar de meu apogeu, eu preguei com muito mais frequência que o normal. Isso significava horas e até dias inteiros em que não podia ser interrompido - inclusive pelo meu pai. Eu o havia imobilizado completamente. Demorou-me um pouco mais de tempo para perceber também que me imobilizara, sem conseguir escapar ao que quer que seja.

A igreja era emocionante. Levei muito tempo para me libertar dessa emoção e, de um modo mais íntimo, mais visceral, eu nunca realmente consegui, nem conseguirei. Não há música como essa, nenhum drama como o drama dos santos se regozijando, os pecadores lamentando, os pandeiros em ritmo acelerado e todas aquelas vozes se unindo e chorando louvores ao Senhor. Não há para mim nenhuma intensidade parecida com a daqueles rostos de pigmentações distintas, desgastados, de alguma forma triunfantes e transfigurados, enunciando das profundezas de um desespero visível, tangível e contínuo, acerca da bondade do Senhor. Nunca presenciei nada comparável à excitação que às vezes, sem aviso prévio, emergia na igreja, fazendo-a, segundo testemunhas, balançá-la. Nada do que aconteceu comigo desde então se assemelha ao poder e à glória que às vezes senti quando, em meio a um Sermão, por algum milagre, sentia que estava realmente

carregando “a Palavra” - quando a congregação e eu éramos um só. A dor e a alegria deles eram minhas, e as minhas eram deles. Seus gritos de “Amém!” e “Aleluia!” e “Sim, Senhor” e “Louvado seja o nome dele!” e “Pregue, irmão!” apoiavam e sustentavam os meus solos até que todos nós nos tornássemos um novamente, em contorções angustiadas, cantando e dançando em júbilo aos pés do altar. Por um longo período, a despeito da fragilidade de meus motivos, ou inexplicavelmente de acordo com estes mesmos motivos, este foi meu único sustento na vida, minha carne e minha bebida. Corria de casa para escola, da escola para a igreja, e, assim, para o altar, onde sozinho comungava com o eleito e querido amigo Jesus que nunca falharia comigo, que conhecia todos os segredos do meu coração. Pedi-lhe, ali, aos pés da cruz, que ele nunca me desse a lucidez que lhe era própria e que eu não tinha.

Ele falhou em nosso trato. Ele era um homem infinitamente melhor do que eu pensava. Às vezes as coisas simplesmente acontecem, impercetivelmente. Dato o fato: a lenta destruição de minha fé, a ruína de minha fortaleza interior - cerca de um ano depois de começar a pregar, quando comecei a ler novamente. Um desejo justificado por ainda estar na escola e, sem muitas explicações, comecei a ler Dostoiévski.

Nessa época, eu estava em uma escola que era predominantemente judia. Isso significava que eu estava cercado por pessoas que estavam para além de qualquer esperança de salvação, que riam dos folhetos que eu trazia para a escola e também assinalavam que o Evangelhos haviam sido escritos muito depois da morte de Cristo. O acontecido podia ser menos angustiante se não tivesse me forçado a ler efetivamente os folhetos pois os mesmos eram de fato, a não ser para os crentes em sua mensagem, difíceis de aceitar.

Recordo-me de sentir vagamente uma espécie de chantagem neles. Sentia que as pessoas deveriam amar o Senhor porque o amavam e não porque estavam com medo de ir para o inferno. Com relutância, fui forçado a perceber que a própria Bíblia havia sido escrita por homens e traduzida também por homens de línguas que eu não sabia ler e, naquele momento, mesmo sem admitir pra mim, eu já estava terrivelmente envolvido com o esforço de colocar palavras no papel. Obviamente, eu já tinha o contraponto perfeito: todos esses homens estavam operando sob inspiração divina. No entanto, eles estavam mesmo? Todos eles? E eu também já sabia, infelizmente, muito mais sobre a inspiração divina do que ousava admitir, pois sabia como esta trabalhava e ampliava minhas próprias visões,

e com que frequência - de fato, incessantemente - as visões que o Senhor me concedeu, diferiam das visões que Ele havia concedido ao meu pai. Não compreendia os sonhos que tinha à noite, mas sabia que eles não eram santos, sobretudo as horas de vigília que estavam longe de serem as mais sagradas. Passava a maior parte do tempo em um estado de arrependimento por coisas que desejava vividamente, mas não tinha feito. Dado ao fato de estar lidando com judeus, a questão da cor que eu estava buscando de modo desesperado evitar emergiu de forma inescapável. Dei-me conta que a Bíblia havia sido escrita por homens brancos. Eu sabia que, de acordo com muitos Cristãos, eu era um descendente de Cam, que havia sido amaldiçoado e, portanto, estava predestinado a ser escravo. Nada se relacionava com o que eu era ou poderia me tornar; meu destino foi selado para sempre desde a aurora dos tempos. E isso tornava-se mais evidente quando alguém olhava para Cristandade, senão acreditava nisso, foi certamente como se comportou. Lembro-me dos padres e bispos italianos abençoando os meninos italianos que estavam a caminho da Etiópia.

Novamente, me atormentava a convivência com os estudantes judeus no ensino médio porque eu não conseguia encontrar nenhum ponto de conexão entre eles e os agiotas, proprietários de hotéis e donos de mercearias no Harlem. Eu sabia que todas essas pessoas eram judias - e Deus é testemunha que sempre me disseram isso com bastante frequência - no entanto, pensava em todos eles como homens brancos. Até chegar ao ensino médio, para mim os judeus haviam sido todos encarcerados no Velho Testamento e seus nomes eram Abraão, Moisés, Daniel, Ezequiel e Jó, e Sadraque, Mesaque e Abednego. Foi desconcertante encontrá-los a tantas milhas e séculos fora do Egito e tão distantes da fornalha ardente. Meu melhor amigo no ensino médio era judeu. Ele veio à nossa casa uma vez, e após a sua saída meu pai me perguntou, como fazia sobre todo mundo: “Ele é cristão?” - com o que ele quis dizer “Ele está no caminho da salvação?”. Sinceramente, não sei se minha resposta estava marcada por inocência ou maldade, mas lhe respondi friamente: Não, ele é judeu.” Meu pai barbaramente me deu um tapa na cara com a palma da mão grande e naquele momento tudo transbordou, todo o ódio e todo o medo e o profundo sentimento de matar meu pai ao invés de permitir que meu pai me matasse. E eu sabia que todos aqueles sermões e lágrimas e todos aqueles rompantes de arrependimento e alegria em nada o haviam mudado. Perguntava-me se eu deveria ficar feliz se um amigo próximo ou outra pessoa qualquer padecesse pela eternidade no inferno. Do mesmo modo, subitamente, do sofrimento dos judeus em outra nação cristã: Alemanha. Afinal, eles não estavam tão longe da fornalha e meu melhor amigo poderia ter sido um deles. Retruquei

meu pai e lhe disse: “Ele é um cristão melhor do que você”, e saí de casa. A batalha entre nós tornou-se campal, mas pouco importava: foi quase um alívio. Uma luta mais mortal havia começado.

Estar no púlpito era como estar no teatro, eu estava nos bastidores e sabia como elaborar a ilusão. Eu conhecia os outros pastores e conhecia como levavam suas vidas. E não pretendia sugerir com isso o tipo de hipocrisia, como no filme “Elmer Gantry”, no que se refere à sensualidade; tratava-se de uma hipocrisia mais profunda, mortal e mais sutil do que essa, e um pequeno punhado de sensualidade honesta, ou talvez muito, teria sido como água em um deserto extremamente amargo. Eu sabia como trabalhar em uma congregação para retirar até a última moeda de dez centavos - o que não era um grande trabalho - e eu sabia também para onde ia o dinheiro da “obra do Senhor”. Eu sabia, embora não desejasse saber, que não alimentava nenhum respeito pelas pessoas com quem trabalhava. Não podia dizer à época o que pensava, no entanto, também sabia que, se assim continuasse, brevemente não teria respeito por mim mesmo. E o fato de eu ser “o jovem irmão Baldwin” aumentara meu valor entre os mesmos cafetões e mafiosos que haviam me ajudado a entrar na igreja em primeiro lugar. Eles ainda me viam como o menino que buscavam proteger. Esperavam que eu recuperasse o juízo e percebesse que estava em um negócio muito lucrativo. Sabiam que eu ainda não tinha atentado para este fato e que também ainda não havia começado a suspeitar que logo que minhas necessidades se revelassem por completo, para onde estas poderiam me levar - e não há dúvidas de que eram pessoas muitos pacientes. Sabiam que as probabilidades e o placar estavam a seu favor. E, francamente, eu também sabia.

Eu estava ainda mais sozinho e mais vulnerável do que estava antes. E o sangue do Cordeiro não tinha me purificado de nenhuma maneira. Eu continuava tão preto quanto o dia que nascera. Portanto, ao me deparar com a congregação, reuni toda a força que eu tinha para não gaguejar, para não vociferar e para não lhes dizer que jogar fora suas Bíblias, voltar para casa e organizar, por exemplo, uma greve contra o aumento de aluguel. Quando vi todas as crianças, seus rostos de cobre, marrom e bege me encarando enquanto eu ensinava na escola dominical, senti que eu estava cometendo um crime ao falar sobre o gentil Jesus, dizendo-lhes que se reconcilhassem com sua miséria a fim de ganharem a coroa da vida eterna na terra. Por acaso, somente aos pretos estaria reservada a coroa? O Céu, portanto, deveria ser apenas outro gueto? Talvez, eu até tivesse conseguido me reconciliar com esta ideia, caso acreditasse que havia alguma bondade amorosa,

solidariedade no abrigo que eu representava, porém, eu estava no púlpito há muito tempo e tinha visto muitas coisas monstruosas. Não me refiro apenas ao fato flagrante de que os pastores eventualmente adquirem casas e Cadillacs, enquanto os fiéis continuam lavando o chão e colocando seus ganhos nas doações semanais. O que eu realmente desejo dizer é que não havia amor na igreja. Toda ela era uma máscara de ódio, de auto-ódio e desespero. O poder de transformação do Espírito Santo terminava quando o culto terminava e a salvação se encerrava na porta da igreja.

Quando nos disseram para amar a todos, pensei que isso significava a todos os corpos. No entanto, tal entendimento não era possível. Aplicou-se apenas àqueles que pensavam como nós, e por isso de modo algum, atingia as pessoas brancas. Fui avisado por um pastor, por exemplo, de que maneira alguma, sob qualquer circunstância, eu deveria ceder meu lugar a uma mulher branca no transporte público. Se apontava que os homens brancos nunca se levantaram para mulheres negras. Bem, isso era verdade, eu compreendia o seu ponto. Contudo, me perguntava qual era o objetivo, a finalidade da minha salvação, se não pudesse me comportar com amor para com os outros a despeito de como eles se comportavam comigo? O que os outros faziam me parecia de sua inteira responsabilidade, pela qual eles responderiam quando a trombeta do julgamento final soasse. Mas o que eu fazia era de minha responsabilidade, e eu teria também que responder - a não ser, certamente, que também houvesse no Céu um espaço especial para os pretos ignorantes, que não deveriam ser julgados com os mesmos critérios de outros seres humanos, que eram angelicais. Decerto que ocorreu nessa época que a visão que as pessoas têm do mundo por vir é apenas um reflexo de distorções desejáveis e previsíveis do mundo em que vivem. E isso não se aplicava apenas aos negros, que não eram mais “simples” ou “espontâneos” ou mais “cristãos” do que qualquer outra pessoa, no entanto meramente mais oprimidos. Do mesmo jeito que nós, na visão dos brancos, éramos descendentes de Cam e fomos amaldiçoados para sempre. Já os brancos eram, para nós, os descendentes de Caim. E a paixão com a qual amávamos o Senhor era a medida do quão profundamente temíamos e desconfiávamos e, por fim, sempre odiávamos quase todos os estranhos, e também nos evitávamos e nos desprezávamos.

Mas eu não posso deixar por isso mesmo. Há muito mais que isso, pois, apesar de tudo, havia na vida um entusiasmo, uma alegria e uma capacidade de enfrentar e sobreviver aos desastres da vida que são muito comoventes e muito raros. Talvez todos nós fôssemos cafetões, prostitutas, vigaristas, pastores da igreja e

crianças, estávamos unidos pela natureza de nossa opressão, pelos riscos complexos e peculiares que enfrentávamos. E dentro desses limites nos atravessava uma liberdade bem próxima do amor. Lembro-me, por exemplo, de ceias e passeios organizados pela igreja, e mais tarde, depois que eu saí da congregação, de festas intensas em que a raiva e a tristeza gravadas na escuridão onde nós comemos, bebemos, conversamos, rimos, dançamos para esquecermos tudo que diz respeito ao "Homem".

Tivemos álcool, comida, música, um ao outro, e não precisávamos fingir ser o que não éramos. Esta é a liberdade que se ouve em algumas canções gospel, por exemplo, e também no jazz. Em todo o jazz, especialmente no blues, há algo impiedoso e irônico, autoritário e ambíguo. Os americanos brancos parecem sentir que canções felizes são verdadeiramente alegres, e canções tristes são efetivamente tristes. É exatamente do jeito que a maioria dos americanos brancos as canta - soando, em ambos os casos, de modo tão presunçoso e impotente, que nem se especula sobre a temperatura congelada com que emitem suas pequenas vozes afoitas e assexuadas. Somente as pessoas que estiveram no fim da linha, como diz a música, sabe do que a canção se trata. Foi Big Bill Broonzy quem costumava cantar "I Feel So Good", uma canção alegre sobre um homem que está a caminho da estação ferroviária para encontrar sua namorada. Ela está voltando para casa. É a incrível e comovente exuberância do intérprete que nos faz perceber como o tempo deve ter passado enquanto ela estava fora. Não há garantia alguma de que ela vai ficar dessa vez, como o cantor intimamente sabe e exhibe. Hoje à noite ou amanhã ou dentro dos próximos cinco minutos, ele pode muito bem estar cantando "Lonesome in My Bedroom" ou insistindo: "Vamos tentar fazer tudo certo? Bem, se não o fizermos hoje, nós o faremos amanhã à noite."

Os americanos brancos não entendem de onde vem a irônica tenacidade, mas eles suspeitam que sua força é a sensualidade que os amedronta e os fazem não compreendê-la mais. A palavra "sensualidade" não se refere a garotas seminuas e trêmulas ou pretos ousados e másculos. Refiro-me a algo muito mais simples e muito menos fantasioso. Penso que a sensualidade é alegrar-se e integrar com a força da vida, sentir prazer com ela e estar presente em tudo o que se faz, desde o gesto de amar até a partilha do pão. Será um grande dia para a América, aliás, quando começarmos a comer pão de novo, em vez da espuma de borracha blasfema e insípida com a qual o substituímos. Não que seja um desejo frívolo. Algo de muito sinistro acontece com as pessoas de um país quando elas começam a desconfiar profundamente de suas próprias reações quanto aqui, tornam-se amargas

e infelizes. Essa inabilidade individual de parte de homens e mulheres brancos americanos, esta incapacidade, portanto, de se renovar no seio de suas próprias vidas, é que torna o debate, sem falar na elucidação de problemas, ou simplesmente da própria realidade, bastante difícil. Aquele que desconfia de si mesmo não tem a pedra de toque para olhar a realidade - pois essa pedra de toque pode ser outra coisa que não seja a individualidade mesma. As pessoas desse tipo interpõe-se entre si e a realidade nada mais que um labirinto de atitudes. Além disso, essas atitudes, apesar da falta de consciência (sobre isso e tantas outras coisas!), são as atitudes históricas e públicas. Eles não remetem ao presente, assim como não se relacionam com o indivíduo. Portanto, tudo o que os brancos não sabem sobre os pretos revela, de maneira precisa e inexorável, o que eles não sabem e, portanto, ignoram, sobre si mesmos.

Os cristãos brancos parecem que esqueceram de vários pormenores históricos elementares. Esqueceram que a religião que eles agora identificam com a sua virtude e seu poder - "Deus está do nosso lado" - como diz o Dr. Verwoerd - emergiu de um pedaço de terra rochosa e que agora é conhecida como Oriente Médio, muito antes da invenção da cor e que, para que a igreja cristã fosse estabelecida, Cristo teve que ser morto por Roma na cruz, e que o verdadeiro arquiteto da igreja cristã não era o hebreu desacreditado, escurecido pelo sol que lhe emprestou o nome, mas sim São Paulo, o fanático impiedoso e hipócrita. A energia enterrada com a ascensão das nações cristãs deveria voltar ao mundo, nada pode impedi-las. Acho que muitos de nós anseiam para que isso aconteça e têm medo disso, pois, apesar de que esta transformação contém a esperança da liberdade, em contraponto, ela também impõe a necessidade de profundas mudanças. Contudo, a fim de despertar a energia inexplorada e adormecida dos anteriormente subjugados e de sobreviver como força moral, atuante, humana, a América e todas as nações ocidentais serão forçadas a se reexaminar e se libertar de muitas coisas antes intocáveis, desvencilhando-se de quase todos os pressupostos usados para justificar seus modos de vida, suas angústias e seus crimes por tanto tempo.

"O céu do homem branco", canta um pastor negro muçulmano, "é o inferno do homem negro". Alguém pode objetar, naturalmente, que a afirmação é simplista, no entanto, não a impede que seja verdadeira e mantenha-se verdadeira desde que os homens brancos dominaram o mundo. Os africanos põem a questão de outro modo: quando o homem branco chegou à África, aquele tinha a Bíblia e o africano a terra, contudo, agora é o homem branco, ainda que relutante e sangrentamente, que vem sendo separado da terra, enquanto o africano segue buscando

digerir ou vomitar a Bíblia. A luta que ora se inicia no mundo é extremamente complexa, envolve o papel histórico do cristianismo para com o poder - isto é, na política - e no domínio da moral. No domínio do poder, o cristianismo tem operado com arrogância e crueldade implacável- o que é exemplificado uma vez que toda religião normalmente impõe, àqueles que descobriram a verdadeira fé, o dever espiritual de libertar das trevas os pagãos. Esta verdadeira fé, além do mais, preocupa-se profundamente mais com a alma do que com o corpo, do qual a carne (e os cadáveres) de inúmeros pagão estão aí para testemunhar. Portanto, quem questiona a autoridade da verdadeira fé também contesta o direito das nações que detêm essa fé de dominá-lo - contesta, em suma, o direito sobre a terra.

A divulgação do Evangelho, independentemente dos motivos, da integridade ou do heroísmo de alguns dos missionários, era uma justificativa absolutamente indispensável para a conquista da terra. Sacerdotes e freiras e professores ajudaram a proteger e santificar o poder que era tão cruelmente usado por pessoas que estavam procurando uma cidade, não uma que fosse divina, mas uma ainda a ser feita, muito nitidamente, por mãos escravizadas. A própria igreja cristã, na voz de alguns de seus pastores, santificava e regozijava as conquistas da terra, encorajando-as, formulando a crença de que a conquista, com o resultante bem-estar relativo das populações ocidentais, era prova da proteção divina. Deus percorreu um longo caminho desde o deserto, assim como Allah, embora em uma direção muito distinta. Deus, indo para o norte, e elevando-se nas asas do poder, tornou-se branco, e Allah, destituído de poder, transitando em meio ao lado sombrio do céu, tornou-se, para todos os fins práticos, enfim preto. Assim, no campo da moral, o papel do cristianismo tem sido, na melhor das hipóteses, ambivalente.

Mesmo deixando de lado a notável arrogância que supunha que os costumes e a moral dos outros eram inferiores aos dos cristãos, e portanto, tinham todo o direito e poderiam usar qualquer meio para subjugar-los, a colisão entre culturas - e a esquizofrenia que caracterizava a mentalidade da cristandade - tornara o domínio da moral tão traiçoeiro e desorientador como o mar. Não é excessivo afirmar que quem quer se tornar um ser humano verdadeiramente (e não devemos nos perguntar se isso é ou não possível, eu acho que devemos acreditar que é possível) deve primeiro se divorciar de todas as proibições, crimes e hipocrisias da igreja cristã. Se o conceito de Deus tem algum valor ou utilidade, é apenas para nos tornar abertos, mais livres e mais amorosos. Se Deus não pode fazer isso, então é hora de nos livrarmos Dele.

Muito antes de eu finalmente o conhecer, ouvira longamente sobre o honrável Elijah Muhammad e o movimento da Nação do Islã, do qual ele é líder. Dei pouca importância ao que ouvi, porque a essência de sua mensagem não me pareceu muito original. Tenho ouvido variações disso por toda minha vida. Às vezes, não raro, no Harlem, no sábado à noite, na 125th Street e na Seventh Avenue, em meio a multidão, lá estava eu a ouvir os oradores muçulmanos. No entanto, eu já ouvi centenas desses discursos. De qualquer forma, nunca suportei permanecer perto de um púlpito ou de uma plataforma improvisada. O que esses homens estavam dizendo sobre pessoas brancas eu já estava cansado de ouvir.

Eu rejeitava a demanda da Nação do Islã por uma economia negra separada na América, que eu já ouvira antes, como uma tolice intencional e até maliciosa. Porém duas coisas me fizeram começar a ouvir os discursos, e um deles era o comportamento da polícia. Afinal, eu vira homens arrastados de suas tribunas por dizer coisas menos virulentas e multidões enormes serem dispersadas a base de cassetete e policiais a cavalo. Mas os policiais não estavam fazendo nada agora. Evidentemente não porque eles se tornaram mais humanos, mas porque obedeciam determinadas ordens e porque estavam com medo. E, de fato, eles estavam, eu pude comprovar com prazer, todos eles em grupo de três ou quatro em seus uniformes de escoteiros, completamente despreocupados, como é o caso de todos os super-homens estadunidenses, para o que não pudesse ser resolvido através da força ou de uma arma de fogo.

Eu até poderia ter pena deles se não tivesse me encontrado em suas mãos com tal frequência e descoberto por meio de uma experiência nada invejável como eles se portavam quando detinham o poder e como agiam quando nós detínhamos o poder. O comportamento da multidão, o seu profundo silêncio e atenção, me permitiu reavaliar os oradores e a sua mensagem. Penso com desespero que os americanos se acostumaram a engolir qualquer discurso político - e pouco temos feitos nesses últimos infelizes anos - de modo que pouco impacto causará afirmar que esse senso de integridade, sobretudo depois do que o Harlem, especialmente, suportava no que concerne os demagogos, constituirá uma mudança muito surpreendente. Ainda assim, os oradores tinham um ar de total dedicação e os transeuntes olhavam para eles com uma espécie de inteligência esperançosa em seus rostos - não como se estivessem sendo consolados ou drogados, mas como se estivessem sendo sacudidos.

O poder era o assunto dos discursos que ouvi. A partir da doutrina da Nação do Islã, nos foi oferecida provas históricas e divinas de que todas as pessoas brancas são amaldiçoadas, são demônios e estão prestes a ser abatidas. Isso foi revelado pelo próprio Deus, Allah, a Seu profeta, o honorável Elijah Muhammad. O governo do homem branco terminaria para sempre em dez ou quinze anos (e deve-se admitir que todos os sinais atuais parecem testemunhar a precisão da declaração do profeta). A multidão parecia absorver a teologia sem o mínimo esforço - ao que me consta, todas as multidões procedem do mesmo modo, quer seja em Jerusalém, em Istambul e em Roma - e esta, especialmente, não era mais indigesta do que o modo mais familiar que afirmava a maldição sobre os filhos de Ham.

Nem mais nem menos que isso, e, por fim, fora projetado para o mesmo propósito: a santificação do poder. Do que era dito, pouco tempo foi gasto em teologia, pois não era necessário provar para o público do Harlem que todos os homens brancos eram demônios. Eles estavam apenas felizes de, finalmente, terem uma confirmação divina de sua experiência, e por ouvir de alguém - e era uma coisa espantosa de ouvir - que por todos esses anos e gerações, eles haviam sido enganados e que seu cativeiro estava terminando, pois Deus era necessariamente negro. Por que eles estavam ouvindo somente agora, na medida que não era a primeira vez que aquilo era dito? Ouvi isso várias vezes, de vários profetas, durante todos os anos em que eu estava crescendo. O próprio Elijah Muhammad transmite a mesma mensagem há mais de trinta anos; não se trata de uma novidade improvisada da noite para o dia, devemos seu ministério, segundo me disseram, ao fato de que, quando tinha seis anos, seu pai foi linchado diante de seus olhos (e isso em nome dos direitos nacionais). E agora, repentinamente, pessoas que nunca foram capazes de compreender essa mensagem, ouvem-na e acreditam nela e assim são transformadas. Elijah Muhammad conseguiu fazer o que gerações de assistentes sociais e comitês e resoluções e relatórios e projetos habitacionais e parques não conseguiram: curar e resgatar bêbados e drogados, converter pessoas que saíram da prisão e para mantê-las afastadas, para tornar homens castos e mulheres virtuosas, e para assim recobrir homens e mulheres com orgulho e serenidade que os iluminava através de uma luz infalível e perene. Elijah realizou todas essas coisas que nossa igreja cristã miseravelmente falhou em fazer. Como ele terá conseguido?

Bem, de certa forma, não desejo minimizar seu papel importante e sua realização especial, mas o responsável não foi apenas ele, mas sobretudo o tempo. O tempo marcha sobre os reinos e os esmaga, encontra as fissuras das doutrinas de

modo a arrasá-las; o tempo revela as fundações no qual qualquer reino repousa e corrói todas estas fundações e, por fim, destrói doutrinas, provando que elas são falsas.

Naqueles dias não muito distantes, quando os sacerdotes daquela igreja em Roma deram a bênção de Deus aos rapazes italianos enviados para devastar um país negro indefeso - que até então, aliás, não se considerava negro - não era possível aceitar a ideia de um Deus negro. Alimentar tal crença seria sustentar uma loucura. Mas com o passar do tempo, o mundo cristão se revelou moralmente falido e politicamente instável. Os tunisianos estavam certos em 1956 - e este foi um momento muito significativo na história ocidental (e africana) - quando eles contestaram a justificativa francesa de permanecer no Norte da África com a pergunta "Estão os franceses preparados para governar a si mesmo?" Mais uma vez, os termos "civilizado" e "cristão" começam a ter um efeito no mínimo estranho, particularmente aos ouvidos daqueles que foram julgados não civilizados nem cristãos, quando uma nação cristã sucumbe a orgia violenta e deplorável como a Alemanha durante o Terceiro Reich.

Pelo crime de ascendência, por sua genealogia, milhões de pessoas no meio do século XX e no coração da Europa - a própria cidadela divina - foram enviadas para uma morte tão calculada, tão hedionda, por um período tão estendido, que em nenhuma outra era anterior a esta era iluminada, podia imaginá-la, muito menos realizá-la e registrá-la. Além disso, aqueles sob o manto do ocidente, ao contrário dos orientais, estão cientes de que o papel atual e fundamental da Alemanha na Europa é atuar como baluarte contra as hordas de "não civilizados". E como poder é o que os subalternos e desfavorecidos querem, eles compreendem que nós do Ocidente nos esforçamos para mantê-lo e não se deixam iludir pela nossa conversa sobre uma liberdade que nunca estivemos dispostos a compartilhar com eles. Do meu ponto de vista, o Terceiro Reich sozinho torna obsoleta para sempre, e acredito que de qualquer outro ponto de vista, a questão da superioridade cristã, exceto em termos tecnológicos. As pessoas de raça brancas eram e continuam a se surpreender pelo holocausto na Alemanha. Eles não sabiam que poderiam agir dessa maneira. Mas desconfio que os negros ficaram surpresos, pelo menos da mesma maneira. Da minha parte, a indiferença do mundo no que concerne o destino dos judeus me aterrorizou sobremaneira. Eu não podia deixar de sentir que essa indiferença humana durante aqueles anos apavorantes, da qual já estava informado, viesse a ser meu quinhão no dia em que os Estados Unidos decidissem matar sistematicamente seus negros, ao invés de pouco a pouco e em

pequenos embates. Eu estava certamente seguro de que o que havia acontecido com os judeus na Alemanha não poderia acontecer com os negros na América, mas refleti melancolicamente que os judeus alemães provavelmente haviam dado ouvidos a opiniões semelhantes, e, por outro lado, eu não poderia compartilhar a visão do homem branco sobre si mesmo pela simples razão pela qual os homens brancos norte-americanos não se comportam do mesmo modo com os homens negros como se comportam para com os de sua raça. Quando um homem branco enfrenta um homem negro, especialmente se o homem negro está indefeso, coisas terríveis são reveladas. Eu sei o que isto significa. Fui levado para os porões da delegacia com bastante frequência e vi e ouvi os segredos de homens e mulheres brancos desesperados, que eles sabiam que estavam seguros comigo, porque mesmo que eu falasse, ninguém acreditaria em mim. E eles não acreditariam em mim exatamente porque sabiam que o que eu dizia era verdadeiro.

O tratamento dado ao negro durante a Segunda Guerra Mundial marca, aos meus olhos, um ponto importante nas relações entre o negro e a América. Para resumir, e de maneira um pouco simplista, um determinado tipo de esperança morreu e com ele o respeito pelos brancos norte-americanos também desapareceu. Passamos, portanto, a sentir pena deles ou odiá-los. Você deve se colocar na pele de um homem que está vestindo o uniforme de seu país e que é um forte candidato a morrer em sua defesa e é chamado de “nigger” por seus companheiros de armas e seus oficiais superiores; de quem quase sempre recebe o o trabalho mais pesado, mais degradante e braçal de se fazer. Que sabe que o soldado branco informou aos europeus a sua condição de subhumano (em defesa da segurança sexual do macho americano); a quem não é permitido dançar na U.S.O - united service organizations -, a noite em que soldados brancos dançam por lá, e não o é permitido que beba em bares que os soldados brancos bebem; e quem assiste aos prisioneiros de guerra alemães sendo tratados pelos americanos com mais dignidade humana do que ele jamais recebeu. E quem, ao mesmo tempo e contraditoriamente, como ser humano, é infinitamente mais livre em uma terra estranha do que jamais foi em casa. Casa!

A própria palavra começa a ter um conteúdo desesperador e diabólico. Devemos considerar o que acontece com esse cidadão, depois de tudo o que sofreu, quando ele volta a casa: encontra pó em seus pés. A busca por emprego, por um lugar para morar, as conduções em ônibus segregados Ele vê com os próprios olhos as placas dizendo “Branco” e “De cor”, e especialmente as placas que dizem “Senhoras Brancas” e “Mulheres de Cor”. Ele encara o olhar de sua esposa, o

olhar de seu filho; com seus ouvidos escuta os discursos políticos de Norte a Sul, dizendo-lhe para “esperar”. E tudo isso está acontecendo no país mais rico e mais livre do mundo e em pleno século XX.

A mudança sutil e mortal que possa ocorrer em seu coração estaria envolvida com a percepção de que uma civilização não é destruída por pessoas perversas; não é necessário que as pessoas sejam más, mas apenas que elas sejam covardes. Eu e dois conhecidos negros, todos nós acima de trinta anos, estávamos no bar do aeroporto O’Hare de Chicago vários meses atrás, quando o barman se recusou a servir-nos, porque, segundo ele, parecíamos jovens demais. Foi necessário muita paciência para não estrangulá-lo, e, após muita insistência e um pouco de sorte, conseguir a presença do gerente, que defendeu seu barman alegando que ele era “novo” e ainda não tinha, presumivelmente, aprendido a distinguir entre garoto negro de vinte anos e um garoto negro de trinta e sete anos. Finalmente, fomos servidos, no entanto, àquela altura, nenhuma quantidade de uísque foi suficiente para nos confortar. O bar estava muito cheio, e nossa discussão tinha sido extremamente barulhenta, e mesmo assim nenhum cliente do bar sequer fizera qualquer gesto para nos ajudar. Uma vez encerrada a confusão, nós três tremendo de raiva e frustração, estávamos no bar bebendo - e agora presos no aeroporto, pois tínhamos deliberadamente chegamos cedo para tomar algumas bebidas e comer - quando um jovem branco parado perto de nós perguntou se éramos estudantes. Eu supunha que ele pensasse que essa era a única explicação possível para que nos envolvêssemos numa briga. Eu disse a ele que já que ele não quis conversar conosco mais cedo, nós também não queríamos falar com ele agora. A resposta machucou visivelmente seus sentimentos, e, por sua vez, fez com que eu o desprezasse. Contudo, quando um de nós, um veterano da Guerra da Coreia, disse ao jovem que a briga que estávamos tendo no bar era a briga dele também, o jovem disse: “Perdi a consciência há muito tempo”, e se virou e saiu. Sei que é áspero pensar assim, mas o comportamento deste rapaz é típico. Assim como ele, todos os outros frequentadores do bar haviam largado as suas próprias consciências. Há alguns anos atrás, eu teria odiado este rapaz com todo o meu coração. Agora, eu me apiedava destas pessoas para não ter que desprezá-las. E esta não é a maneira mais feliz e agradável de sentir-se em relação aos seus compatriotas.

Por fim, no entanto, é a ameaça de extinção universal hoje pairando sobre todo o mundo que muda, total e eternamente, a natureza da realidade e posiciona de modo angustiante a questão do verdadeiro significado da história do homem. Nós, seres humanos, agora temos o poder de exterminar a nós mesmos, e, ao

que parece, isso é a soma total de toda nossa conquista. Nós empreendemos esta jornada e chegamos a este lugar em nome de Deus. Foi isto o melhor que Deus (o Deus branco) pôde fazer para nós. Se é assim, é hora de substituí-lo, mas substituí-lo pelo quê? E esse vazio, esse desespero, esse tormento vivenciado em todo o Ocidente, das ruas de Estocolmo às igrejas de Nova Orleans e às calçadas do Harlem.

Deus é negro. Todos os homens negros pertencem ao Islã; eles foram escolhidos, e o Islã governará o mundo. O sonho e o sentimento não são novos: somente a cor é nova. É este sonho, essa doce possibilidade e perspectiva que milhares de homens e mulheres negros oprimidos neste país acalentam agora, depois que o pastor muçulmano falou, através das ruas escuras e barulhentas do gueto, nos casebres onde tantos pereceram. O Deus branco não os libertou, talvez o Deus negro possa fazê-lo.

Quando estive em Chicago no verão passado, o honorável Elijah Muhammad me convidou para jantar em sua casa. Uma imponente mansão no lado sul de Chicago e sede do movimento Nação do Islã. Eu não tinha ido a Chicago para me encontrar com Elijah Muhammad - não estava em meus pensamentos -, mas no momento em que recebi o convite, ocorreu-me que eu deveria ter esperado por isso. De certa forma, devo o convite à incrível, abismal e obtusa covardia dos liberais brancos. Seja em debates privados ou em público, qualquer tentativa que buscava explicar como surgiu o movimento muçulmano negro e como ele alcançou tal força, encontrei um vazio e indiferença que revelou a pouca conexão que as atitudes dos liberais têm com suas percepções ou suas vidas, ou mesmo com sua erudição. Revelou-se, de fato, que podiam lidar com o negro como símbolo ou vítima, mas em nenhuma hipótese como homem.

Quando Malcolm X, que é considerado o segundo em comando do movimento e aparente herdeiro, salienta que a acusação de “violência” não foi levantada, por exemplo, quando os israelenses lutaram para recuperar Israel e, por certo, apenas levantada quando os homens negros indicaram que lutarão por seus direitos, ele tem toda razão. Quando se remete à glória da Inglaterra, a parte do que os americanos têm em mente são suas conquistas repletas de sangue. Nos Estados Unidos, violência e heroísmo são sinônimos, exceto quando se trata de negros, e a única maneira de derrotar o argumento de Malcolm é admiti-lo e, portanto, se perguntar o por quê disso tudo. A declaração de Malcolm não é refutada por referência aos triunfos da NAACP - Associação Nacional para o Progresso de

Pessoas de Cor - , particularmente porque poucos liberais têm noção de quanto tempo, quão dispendiosa e desoladora é tarefa de reunir as evidências para conduzir ao tribunal, ou quanto tempo essas batalhas judiciais levam. Também não são refutadas referências a movimentos com participações estudantis, nem que seja porque nem todos os negros são estudantes e nem todos vivem no sul.

De qualquer forma, eu certamente me recuso a ser colocado na posição de negar a verdade das declarações de Malcolm simplesmente porque eu discordo de suas conclusões ou para pacificar a consciência liberal. As coisas são tão ruins quanto os muçulmanos dizem que são - na verdade, são piores, e os muçulmanos não ajudam a melhorá-la - mas não há razão para se esperar que os homens negros sejam mais pacientes, mais tolerantes, mais prudentes do que brancos, muito pelo contrário. A verdadeira razão pela qual a não-violência é considerada uma virtude nos negros - não me refiro ao seu valor tático, que é outra questão completamente -, é que os homens brancos não querem suas vidas, sua auto-imagens ou suas propriedades ameaçadas. Deveríamos dizer isto com mais frequência.

Ao final de um programa de televisão em que Malcolm X e eu participamos, Malcolm foi interpelado por um membro branco da platéia que disse: “Eu tenho mil dólares e um acre de terra. O que vai acontecer comigo?”. Admirei a franqueza da pergunta do homem, mas não consegui ouvir a resposta de Malcolm, porque estava tentando explicar a outra pessoa que a situação dos irlandeses há cem anos e a situação do negro atual não serve de comparação. Os negros foram trazidos acorrentados para cá muito antes dos irlandeses pensarem em deixar a Irlanda. Que possibilidade de consolo há em compreender que imigrantes que chegaram aqui - voluntariamente - muito tempo depois de você, terem conquistado posições sociais bastante superiores? Eu estava esperando o elevador no corredor quando alguém apertou minha mão e disse: “Adeus, Sr. James Baldwin. Em breve estaremos nos referindo a você como Sr. James X”. Intimamente pensei, por um momento terrível: Meu Deus, se esta situação permanecer por muito mais tempo, você provavelmente o fará. Elijah Muhammad tinha visto esse programa, ou alguém próximo ouvira falar de mim. Assim, ao fim de uma tarde quente de domingo, cheguei a sua porta.

Fiquei assustado, porque, fui convocado para uma presença régia. Havia ainda um outro motivo: eu sabia da tensão íntima que me acometia, entre o amor e o poder, entre o sofrimento e a raiva, e a maneira curiosa e angustiada, pela qual permaneci bifurcado entre esses pólos - sempre tentando escolher o melhor e

não o pior. No entanto, este melhor era uma decisão de ordem pessoal, privada (afinal, eu era escritor). E como determinar se também era relevante através da ordem social? Estava eu ao lado sul da cidade, no qual um milhão de pessoas viviam em cativeiro - estendendo-se desta porta até onde os olhos podiam ver. E eles não liam. Populações deprimidas não têm tempo ou energia de sobra para gastar. As populações mais ricas, que deveriam ter vindo em sua ajuda, até onde se sabe também não leram, eles simplesmente compraram livros e os devoraram, mas não para aprender: para talvez aprender novas atitudes. Além disso, eu sabia que uma vez dentro da casa, não poderia fumar nem beber, e me senti culpado pelos cigarros no bolso, como experimentara anos atrás, quando um amigo me levou pela primeira vez a sua igreja. Cheguei meia hora atrasado, tendo me perdido no caminho para cá, e me senti como um estudante merecedor de uma punição.

O jovem que veio receber-me à porta - teria talvez por volta de trinta anos, tinha um rosto bonito e sorridente - não pareceu ofendido com meu atraso e levou-me a um grande salão. De um lado da sala, meia dúzia de mulheres, todas de branco, pareciam ocupadas com um bebê lindo, que parecia pertencer à mais jovem daquelas mulheres. Do outro lado da sala, sentavam-se sete ou oito homens, todos jovens, vestidos com ternos escuros, muito à vontade e muito imponentes. A luz do sol irradiava na sala, tal tranquilidade e quietude que me fez recordar de minha primeira infância - aquela claridade solar encontrada mais tarde apenas nos sonhos mais longínquos. Eu lembro de ser surpreendido pela calma, a naturalidade, a paz e bom gosto do ambiente. Fui apresentado, me acolheram com uma genuína cordialidade e respeito - respeito este que aumentava meu temor, pois significava que eles esperavam algo de mim que eu sabia em meu coração, sinceramente, que eu não podia lhes oferecer - e nos sentamos.

Elijah Muhammad não estava na sala. A conversa seguia lentamente, não de modo constrangedor quanto eu temia que poderia ser. Permitia que eles conduzissem a conversa, pois simplesmente não sabia quais assuntos eu poderia trazer à mesa. Eles sabiam mais sobre mim e tinham lido mais do que eu havia escrito, do que eu esperava, e me questionava qual efeito tudo aquilo teria neles. As mulheres conversavam em voz baixa, deduzi que elas não participavam das conversas masculinas. Algumas mulheres continuavam entrando e saindo da sala, aparentemente a organizar os preparativos para o jantar. Nós, os homens, não nos detínhamos profundamente em nenhum assunto, pois, evidentemente, estávamos todos à espera de Elijah. Logo, os homens, um por um, saíam e voltavam à sala. Perguntaram-me se eu gostaria de me lavar, e caminhei pelo corredor até o ban-

heiro. Após meu retorno, nos levantamos, e Elijah entrou.

Não sabia o que esperar. Eu havia lido alguns de seus discursos e ouvi alguns fragmentos de outros no rádio e na televisão, e, portanto, eu o associava a ferocidade. Equivocara-me, o homem que entrou na sala era pequeno e esbelto, de fenótipo delicado, com um rosto magro, olhos grandes e acolhedores e um sorriso glorioso. Algo entrara na sala com ele - os discípulos se alegravam ao vê-lo, que, por sua vez, se alegrava ao encontrá-los. Era o tipo de encontro que se participa com um sorriso, simplesmente porque é muito raro, que, ao se encontrarem, as pessoas tenham prazer genuíno da pura presença. Ele brincou com as mulheres como um pai, sem nenhum indício daquela feia e untuosa flerteção que eu conhecia tão bem de outras igrejas, e com grande liberdade elas responderam com amorosa distância. Eu sabia que ele me avistara quando entrou na sala, embora não tivesse direcionado o olhar para mim. Ao observar, enquanto ele falava e ria com o outros, em quem eu só podia pensar como filhos, que ele estava me avaliando, decidindo como me abordar. Ao virar-se para mim com aquele sorriso maravilhoso, me conduziu a quase vinte e quatro anos atrás, para o momento em que a pastora sorriu para mim e disse: “A que você pertence, garoto?” Eu não respondi agora como fizera então, porque há algumas coisas (não muitas, infelizmente!) que não se pode fazer duas vezes.

Mas eu sabia o que ele me fizera sentir, atraído por sua autoridade peculiar, como o sorriso dele prometia tirar o fardo da minha vida de meus ombros. Leve seus fardos para o Senhor e deixe-os lá. A marca central no rosto de Elijah é a dor, e a testemunha é o seu sorriso - dor tão antiga, profunda e negra que se torna única somente quando ele sorri. Alguém pode se perguntar como ele soaria se pudesse cantasse. Com aquele sorriso virou-se a mim e disse algo como “Eu tenho muito a dizer para você, mas precisamos esperar até que estejamos sentados.” E eu ri. E me fizera pensar em meu pai e como poderíamos ter sido se tivéssemos sido amigos.

Na sala de jantar, havia duas mesas compridas: os homens compartilham uma e as mulheres a outra. Sentado à cabeceira da nossa, estava Elijah e eu logo a sua esquerda. Mal consigo me lembrar do que comemos, exceto que era abundante, sadio e simples - tão sadio e simples que senti-me extremamente decadente e que, portanto, me fez beber dois copos de leite. Elijah mencionou ter me visto na televisão e disse que lhe parecia que eu ainda não tinha sofrido uma lavagem cerebral e estava tentando me definir, me tornar eu mesmo. Ele disse de modo

nada ofensivo com seus olhos olhando os meus e uma mão escondendo a parte inferior de seus lábios, como se ele estivesse tentando esconder dentes ruins. Mas seus dentes não eram ruins. Então lembrei-me que ouvi que ele passara algum tempo na prisão. Suponho que eu me esforçava para me definir - o que quer que isso possa significar - mas eu intuía que o significado que Elijah supunha, não era o mesmo que o meu. Eu disse que sim, estava tentando encontrar a mim mesmo, e sem saber mais o que dizer, esperei.

Sempre que Elijah enunciava algo, um tipo de coro elevava-se da mesa, dizendo: “Sim, tem razão.” E aquilo começou a deixar-me bastante irritado. Percebi que Elijah tinha o hábito ainda mais irritante de fazer comentários a uma pessoa, mas que na verdade, eram direcionados a outra. Por exemplo, voltando-se para o homem à direita, ele começou a falar dos demônios brancos com quem eu tinha aparecido pela última vez na TV: o que eles fizeram ele (eu) sentir? Não pude responder a pergunta e não estava absolutamente certo do que esperavam que eu fizesse. As pessoas referidas certamente me fizeram sentir exasperado e inútil, mas não os considerava demônios. Elijah seguia sobre os crimes da branquitude, acompanhado do coro interminável de “Sim, tem razão.” Alguém na mesa disse: “O homem branco com certeza é um demônio. E ele prova por suas próprias ações”. Eu olhei em volta. Era um rapaz muito jovem que dissera isso, pouco mais que um garoto - muito preto, sóbrio e muito amargo. Elijah pôs-se a discorrer acerca da religião cristã, dos cristãos, de maneira suave e brincalhona.

Comecei a ver o poder de Elijah advinha de sua obstinação. Não há nada calculado sobre ele, nada premeditado, ele quer dizer cada palavra que ele diz sinceramente. A verdadeira razão, de acordo com Elijah, que falhei em perceber que o homem branco era um diabo se dava em função da longa exposição que tive ao ensino dos brancos e que nunca havia recebido instruções verdadeiras. “O chamado negro americano” é a única razão pela qual Deus permitiu que os Estados Unidos resistissem tanto tempo: o homem branco dominou até 1913, mas é a vontade de Allah que esta nação negra degenerada, ou melhor, que os homens negros deste país sejam redimidos de seus senhores brancos e retornem à verdadeira fé, que é o Islã. Até que isso aconteça - e não tardará - a destruição total do homem branco está sendo adiada. A missão de Elijah é retornar “o chamado Negro” ao Islã, para separar desta nação condenada, os escolhidos de Allah. De resto, o homem branco conhece sua história, sabe de sua natureza demoníaca e sabe que seu tempo está se esgotando, assim como toda a sua tecnologia, psicologia, ciência e “truquenologia” estão a serviço de impedir que homens negros ouçam a verdade. A verdade é que,

no começo dos tempos, não havia um rosto branco em todo o universo. Homens negros governavam a terra, e o homem negro era perfeito. Esta é a verdade sobre a época em que homens brancos agora se referem como pré-históricos. Eles querem que os homens negros acreditem que, semelhante aos homens brancos, já viveram em cavernas e balançaram das árvores e comiam sua carne crua e não tinham poder das palavras, mas isso não é verdade. Os homens negros jamais estiveram em tal situação. Allah permitiu ao Diabo, através de seus cientistas, que se realizassem experimentos infernais, que resultaram, finalmente, na criação do demônio mais conhecido como homem branco e, mais tarde, finalmente, e ainda mais desastrosa, na criação da mulher branca. E foi decretado que essas criaturas monstruosas deveriam governar a Terra por um certo número de anos - esqueço quantos milhares, mas, de qualquer forma, o seu domínio está acabando, e Allah, que nunca aprovou a criação do homem branco (e quem o conhece, de fato, sabe não se tratar de um homem, mas de um demônio), está ansioso para restaurar o reinado da paz no mundo que a ascensão do homem branco destruiu totalmente. Por definição, não há nenhuma virtude nas pessoas brancas, uma vez que elas são uma criação inteiramente de outra ordem, não podem, por meio de qualquer processo, tornarem-se o Negro, do mesmo modo que não é possível transformar um gato num cavalo. Não há esperança para eles.

Não há nada de novo nessa formulação impiedosa, exceto a explicitação de seus símbolos e a sinceridade de seu ódio. O tom emocional é tão familiar para mim quanto minha própria pele: é apenas outra maneira de dizer que os pecadores serão presos no inferno por mil anos. Para os negros americanos, os pecadores sempre foram brancos, é uma verdade na qual nós não precisamos trabalhá-la, e, portanto, todo negro americano corre o risco de ter os portões da paranóia próximos a ele. Em uma sociedade que é totalmente hostil e, por sua natureza, determinada a nos silenciar - feito por tantos anos no passado até os nossos dias - que começa a ser quase impossível distinguir uma ofensa real de uma ofensa imaginada. Em grande parte acontece que o indivíduo para de realizar esta distinção, e, o que é pior, geralmente não percebe que está deixando de fazê-la. Para mim, todos os porteiros e todos os policiais se tornam exatamente iguais, e minha abordagem simplesmente é intimidá-los antes que eles possam me intimidar. Certamente, me culpo por algumas injustiças aqui, no entanto, é inegociável para mim, já que arrisco supor que a humanidade dessas pessoas é mais real para elas do que seus uniformes. A maioria dos negros não arrisca supor que a humanidade dos brancos é mais real para eles do que sua cor. E isto leva, imperceptivelmente, porém inevitavelmente, a um estado de espírito cuja maioria dos negros aprendeu a esperar

o pior, acha-o muito fácil acreditar no pior. A brutalidade com que os negros são tratados neste país não é evidenciada se os brancos não estiverem dispostos a ouvi-la.

No começo - e aqui também não há exagero - um negro não acredita no tratamento que os brancos lhe concedem. Ele ignora o que fez para merecer isso. E quando, por fim, percebe que o tratamento lhe foi dado não tem nada a ver com o que ele efetivamente fez, que a tentativa das pessoas brancas de destruí-lo - pois esta é a verdade - é totalmente gratuita, não é difícil para ele pensar nas pessoas brancas como demônios. Sobre os horrores da vida do negro americano, nunca houve linguagem possível para descrevê-los. A privação de sua experiência, que está apenas começando a ser reconhecida na linguagem e lhe é negada ou ignorada nos debates públicos e nas instituições - daí o idioma negro - dá credibilidade a qualquer sistema que pretenda esclarecê-la. E, sem dúvida, a verdade sobre o homem negro, como entidade histórica e como ser humano, lhe foi, deliberada e cruelmente apagada: o poder da branquitude é ameaçado sempre que um negro se recusa a aceitar as determinações que lhe foram impostas. Portanto, toda tentativa para destruir em pedaços o homem negro - não aconteceu ontem, mas acontece hoje. Quem, então, pode com autoridade dizer onde está a raiz de tantas angústias e mentiras? Por que, portanto, não é possível aceitar a afirmação de que o homem negro era originalmente perfeito, especialmente desde que é essa afirmação que os brancos reivindicam para si mesmos todos esses anos. Ademais, é absolutamente claro que os brancos são uma minoria no mundo - uma minoria tão escassa que agora se parecem mais com uma invenção - e que eles não podem mais esperar governá-la. Se assim o é, por que não é também possível que eles tenham sustentado seus domínios por meio de ações furtivas, ardilosas e sangrentas e em oposição à vontade divina, e não, como eles insistem em afirmar, pela desejo do próprio Deus? Deste modo, a espada que eles usaram tanto tempo contra os outros pode agora, sem piedade e remorso, ser usado contra eles. As testemunhas celestes de suas origens divinas não passam de intrincados jogos a serem usadas por quem estiver mais próximo do céu durante determinada época. A tradição, suas lendas e a teologia, que são projetados para santificar nossos medos, crimes e aspirações, também revelam a quem elas servem.

Eu disse, finalmente, em resposta a alguma outra pergunta indireta: "Saí da igreja há vinte anos, desde então, não me filiei a nada". Era o meu modo de dizer que também não pretendia me juntar ao movimento deles.

"E o que você é agora?", Elijah perguntou.

Eu estava com certa dificuldade de respondê-lo, pois realmente não sabia dizer - não podia me deixar marcar - que eu era um Cristão. "Eu? Agora? Nada." Isso não foi suficiente. "Eu sou um escritor. Eu gosto de fazer as coisas sozinho". Percebi-me refletindo a fala anterior. Elijah sorriu para mim. "De qualquer forma", eu disse, finalmente, "não penso muito sobre isso".

Elijah comentou à sua direita: "Acho que ele deveria pensar nisso tudo", e a mesa concordou. Mas não havia nenhum indício malicioso ou condenatório. Tive a sensação de que eles sabiam que eu pertencia a eles, mas que eu ainda não sabia. Sabiam que eu continuava desconfortável, e eles estavam simplesmente esperando, pacientemente e com segurança, que eu descobrisse a verdade sobre mim mesmo. Para onde mais, afinal, eu poderia ir? Eu era negro e, portanto, parte do Islã, e seria salvo do holocausto à espera do mundo branco, quer o desejasse ou não. Meus pobres e iludidos escrúpulos não valeriam nada contra a palavra definitiva do profeta.

Sentia-me novamente na casa de meu pai - como, aliás, de certa forma, eu estava - e eu disse a Elijah que eu não me importava se pessoas brancas e pretas se casassem e que eu tinha muitos amigos brancos. Eu não teria escolha, se fosse o caso, mas perecer com eles, pois (dizia para mim, mas não para Elijah): "Eu amo algumas pessoas e elas me amam e algumas delas são brancas, o amor não é mais importante do que a cor?".

Elijah olhou-me com grande bondade e carinho, com visível pena, como se estivesse lendo meu coração, afirmando, cético: que eu poderia ter amigos brancos, que eles podem estar tentando ser decentes comigo, mas o tempo deles acabou. Era como se Elijah estivesse dizendo: "Eles tiveram sua chance, rapaz, e vacilaram!".

Passei os olhos a volta da mesa. Certamente, eu não tinha nenhuma evidência para dar a eles que sobrepusesse a autoridade de Elias ou a evidência de suas próprias vidas e até a realidade das ruas lá fora. Sim, eu conhecia duas ou três pessoas brancas em quem confiaria minha vida, alguns outros que lutavam tanto quanto sabiam e com grande esforço, suor e risco para conseguir fazer do mundo um lugar mais humano. Mas como eu poderia ter tais concepções ali? Ninguém pode argumentar com a experiência, a decisão ou a crença de alguém. Toda a minha evidência para o caso em questão era irrelevante, de modo que eu poderia

citar apenas exceções. O lado sul da cidade de Chicago, o estado do mundo provavam a justiça da acusação. Tudo que podemos retirar da história é, senão, a história daquelas exceções que tentaram mudar o mundo e fracassaram. No entanto, isso era verdade? Eles falharam? O quanto depende do ponto de vista! Pois há uma certa categoria de exceções que nunca deixara de fazer o mundo pior - precisamente, para quem o poder é mais real que o amor. E, no entanto, o poder é real, e, às vezes, muitas coisas, incluindo o amor, não podem ser alcançadas sem ele. Estranhamente, me senti na pele de um branco na mesa de jantar tentando provar que os negros não são cidadão de segunda classe. Eu quase disse, afinal, “Bem, veja minha amiga Maria”, e quase listei todas aquelas virtudes que conferiam a Maria o direito de estar viva. E qual esperança eles deveriam ter?

Que Elijah e os outros acenassem com a cabeça solenemente e dissessem, finalmente: “Bem, ela é uma pessoa decente - mas os outros!”

E olhei novamente para os rostos jovens à volta da mesa, quando vi Elijah, ele discorria que nenhum povo na história jamais foi respeitado caso não possuísse sua própria terra. E o coro retornava: “Sim, tem razão”. Eu não poderia negar a verdade desta declaração. Pois todos os povos do mundo têm - inclusive os judeus - uma nação reconhecida, com uma localização específica e bandeira própria. É apenas o negro americano que permanece preso, desenraizado e desprezado em uma nação que o mantém em cativeiro por quase quatrocentos anos e ainda é incapaz de reconhecê-lo como um ser humano. E os muçulmanos negros, junto com muitos outros que não são, não buscam por um reconhecimento, se é que algum dia vai ser alcançado, tão tardio. Novamente, não podemos negar que esse ponto de vista é abundantemente justificado através da história do negro americano. É desesperador esperar tanto tempo humildemente para que os americanos brancos cresçam o suficiente para perceber que você não os ameaça. Por outro lado, como o negro americano pode, neste momento histórico, ocupar uma nação independente? Não apenas do ponto de vista muçulmano, esta parece ser, ao que tudo aponta, a única esperança de não perecer nas águas subterrâneas e estagnadas da América, de não ser esquecido por toda a eternidade, como se nunca tivesse existido e todo seu trabalho tenha sido em vão.

A intensidade de Elijah, o amargo isolamento e descontentamento desses jovens e o sentimento de desespero das ruas me fizeram vislumbrar vagamente o que agora pode parecer uma fantasia, embora, em uma época tão fantástica, hesite em dizer precisamente o que uma fantasia é. Digamos que os muçulmanos conquistassem a posse de seis ou sete estados que eles alegam serem devidos aos ne-

gros pelos Estados Unidos como “pagamento em atraso” decorrente do trabalho escravo. Obviamente, os Estados Unidos jamais entregariam este território, sob quaisquer termos, seja quais forem, a menos que achem impossível, por qualquer motivo, conservá-lo - e a menos que os Estados Unidos sejam reduzidos como potência mundial, exatamente do jeito e no mesmo grau de velocidade em que a Inglaterra foi forçada a abandonar seu império. E simplesmente não é verdade - e os estados em que permanecem suas ex-colônias provam isso - que a Inglaterra “sempre quis desvincular-se das colônias”. Se os estados exigidos fossem os do sul, e os muçulmanos parecem concordar com esta resolução, então as fronteiras de uma América Latina hostil chegariam, com efeito, a Maryland.

Considerando as fronteiras marítimas norte-americanas, de um lado, enfrentaríamos uma Europa impotente, e do outro, um Leste não-branco e que não merece confiança, e ao norte, depois do Canadá, haveria apenas o Alasca, que é uma fronteira russa. Com efeito, os brancos dos Estados Unidos e do Canadá se encontrariam abandonados em um continente hostil, com o restante dos brancos do mundo provavelmente pouco dispostos e, certamente, incapazes de vir em seu auxílio. Esta, na minha opinião, não é a mais iminente das possibilidades, mas, se eu fosse muçulmano, essa é a possibilidade que acreditaria com afinco. Não hesitaria em utilizar - ou, de fato, estimular - a revolta social e espiritual que reina aqui, pois, na pior das hipóteses, eu apenas teria contribuído para a destruição de uma casa que odiava, e, tampouco, me importaria se eu também morresse. Aqui, morremos aos poucos há muitos anos.

E o que eles estavam pensando em volta da mesa? “Eu vim”, disse Elijah, “para lhe dar algo que nunca poderá ser tomado de você.” A mesa tornou-se solene e era como uma grande luz sobrenatural naqueles rostos escuros! Esta é a mensagem que se espalhou pelas ruas, cortiços e prisões, pelas enfermarias de narcóticos anônimos, pela imundície e sadismo dos hospitais psiquiátricos até alcançar pessoas de quem tudo foi retirado, sobretudo o mais importante, o seu próprio valor. As pessoas não podem viver sem este sentido de dignidade: eles farão qualquer coisa para recuperá-lo. É por isso que a criação mais perigosa de qualquer sociedade é o indivíduo que não tem nada a perder. Você não precisa de dez desses indivíduos - um será suficiente para prejudicar toda uma comunidade. E Elijah, segundo a lenda, suponho, não teve nada a perder desde no dia em que viu o sangue de seu pai correndo, a gotejar através das folhas de uma árvore, sobre ele.

Mas os outros homens ao redor da mesa também não tinham nada a perder.

“Retornem à sua verdadeira religião”, escreveu Elijah. “Joguem fora as correntes do carrasco, o diabo, e retornam ao seio da igreja. Parem de beber álcool, de usar a droga dele, protejam suas mulheres e abandonem os porcos imundos”. Lembrei-me dos meus amigos de anos atrás, pelos becos, com suas bebidas e suas lágrimas, petrificados para sempre com aquelas injeções, e meu irmão me dizendo uma vez: “Se o Harlem não tivesse tantas igrejas e drogados, haveria sangue escorrendo pelas ruas”. Protejam suas mulheres : uma coisa difícil de realizar em uma civilização sexualmente tão patética que a masculinidade do homem branco depende da negação da masculinidade dos homens negros. Protejam suas mulheres: em uma civilização que humilha o homem e abusa da mulher, em que o homem é forçado a explorar o trabalho da mulher. Protejam suas mulheres: “Temos certeza de que estamos fazendo um favor a vocês, bombeando um pouco de sangue da branquitude em seus filhos”, e enquanto isso, estávamos de frente para a espingardas sulistas e os cassetetes nortistas. Anos atrás, em total solidão, costumávamos dizer: “Sim , sou negro, cacete, e eu sou lindo!”. No entanto, agora que reis e heróis africanos chegaram ao nosso momento histórico, este mesmo passado pode ser posto a serviço do poder. E o preto tornar-se uma cor bonita, não porque seja amada, mas porque é temida. E essa urgência por parte dos negros americanos não deve ser esquecida! Enquanto eles observam os negros a se levantarem e cobrarem finalmente a promessa de que eles possam andar na terra com a mesma autoridade com a qual os homens brancos andam, protegidos pelo poder que estes últimos não mais o terão, é suficiente e mais do que suficiente para esvaziar prisões e forçar Deus a descer a terra. Isso já aconteceu muitas vezes antes da cor ser inventada, e a esperança aos Céus sempre foi uma metáfora para a conquista deste estado particular de graça. Como diz a canção de trabalho: “Eu sei que minhas vestes vão agradar. Experimentei-as nos portões do Inferno.”

Chegara a hora de partir, ficamos na grande sala de estar, com boa noites e com todas as questões curiosamente e pesadamente suspensas. Não escapei à sensação de que eu havia falhado a um teste, aos olhos deles e aos meus, ou que havia falhado ao alerta de um aviso. Elijah e eu apertamos as mãos, e ele me perguntou para onde eu estava indo. Ele disse que, onde quer que fosse, eu seria conduzido até lá - “porque, quando convidamos alguém aqui”, disse ele, “assumimos a responsabilidade de protegê-lo dos demônios brancos até que se chegue aonde quer que se vá”. De fato, eu estava indo tomar alguns drinks com vários demônios brancos do outro lado da cidade. Confesso que, por uma fração de segundo, hesitei em fornecer o endereço, pois, como em todas as cidades americanas, é possível identificar um endereço como um endereço branco apenas pelo valor onde está

localizado. Acabei por revelar, Elijah e eu saímos até os degraus da escada na saída e um dos jovens desapareceu para pegar o carro. Foi estranho permanecer com Elijah por aqueles poucos minutos de frente para aquelas ruas vívidas, violentas e tão confusas. Eu me senti muito próximo a ele e desejava realmente poder amá-lo e honrá-lo como testemunha, aliado e como pai. Eu senti que podia reconhecer algo de sua dor e fúria e até sua beleza. No entanto, exatamente por causa da realidade e da natureza dessas ruas - por causa do que ele concebeu como sua responsabilidade e a que assumi como minha, sempre seríamos estranhos e, possivelmente, um dia, inimigos. O carro chegou - um brilhante, metálico, poderoso, efetivamente americano -, e Elijah e eu apertamos as mãos e nos despedimos mais uma vez. Ele entrou em sua mansão e fechou a porta.

O motorista e eu começamos a atravessar a escuridão rodeada pelo lago de Chicago, nesta hora estranhamente bonita. Nós retornamos à discussão acerca da terra. Como nós negros conseguiríamos nossa terra? Perguntei ao garoto que havia dito anteriormente, à mesa, que as ações do homem branco provaram que ele era um diabo. Falou-me primeiro dos templos muçulmanos que iriam ser construídos, ou estavam ainda em projeto, em várias partes dos Estados Unidos, com o apoio dos seguidores muçulmanos e a partir do dinheiro anualmente à disposição dos negros, algo como vinte bilhões de dólares. “Apenas este detalhe mostra o quão forte nós somos”, ele disse. Argumentei, cautelosamente, e em termos um pouco diferentes que esses vinte bilhões de dólares, ou o que quer que seja, dependem da economia total dos Estados Unidos. O que acontecerá quando o negro não fizer mais parte dessa economia? Deixando de lado o fato que, para que isso aconteça, a economia dos Estados Unidos terá que passar por um processo radical e certamente desastroso de mudanças e que, deste modo, o poder de compra do negro americano obviamente não será mais o mesmo. Então, a economia desta nação independente será baseada em quê? O garoto me lançou um olhar estranho, e eu me apressei a dizer: “Não estou dizendo que isso não pode ser feito, eu só quero saber como vai ser feito”. Para que isso aconteça, eu pensava que todo um quadro de referência terá que mudar e seremos forçados a renunciar a muitas coisas que agora mal sabemos que possuímos. Eu não achava que as coisas as quais me referia, como o o monte de ferro e metal pseudo-elegante em que estávamos viajando, tinha um valor muito grande. Mas a vida seria bastante diferente sem eles e me perguntava se ele tinha pensado nisso.

Como podemos sonhar com o poder de outros modos que não sejam através de símbolos de poder? O garoto vislumbrava que a liberdade dependia da posse

da terra: ele estava convencido de que, de uma maneira ou de outra, os negros deveriam possuí-la. Enquanto isso, ele podia andar pelas ruas e não temer por nada, porque haviam milhões como ele, também ascendendo ao poder. O que o mantinha, em suma, era um sonho - embora seja importante lembrar que alguns sonhos se realizam - e sentia-se unido aos seus “Irmãos” devido a sua cor. Talvez não se possa pedir mais do que isso. Normalmente, as pessoas parecem se unir de acordo com um princípio que nada tem a ver com o amor, que os isenta da responsabilidade pessoal.

No entanto, eu acreditara que o movimento muçulmano fosse capaz de incutir na população negra desmoralizada um verdadeiro senso de individualidade de seu próprio valor, para que os negros nos guetos do norte pudessem começar, em termos concretos e a qualquer preço, a mudar sua própria situação. Mas para mudar uma situação é preciso primeiro vê-la efetivamente como ela é: no presente caso, aceitar o fato de que o negro foi formado por esta nação, para o bem ou para o mal, e não pertencem a qualquer outra, não à África e, certamente, não ao Islã. O paradoxo - e um terrível paradoxo - é que o negro norte-americano não terá futuro em lugar algum, em nenhum continente, desde que não esteja disposto a aceitar seu passado. Aceitar o seu passado - a sua própria história - não é a mesma coisa que sucumbir a ele e ao esquecimento. É aprender a usá-lo. Um passado idealizado pela imaginação nunca pode ser usado: arruína e desmorona sob as pressões da vida como argila em uma estação de seca. Como o passado do negro americano pode ser usado? O preço sem precedentes exigido - neste momento de conflitos da história do mundo - é a transcendência das realidades da cor, da nações e dos altares.

“De qualquer forma”, o garoto disse repentinamente, depois de um longo silêncio, “as coisas nunca mais serão como costumavam ser. Eu sei disso.” E assim chegamos ao território inimigo, e, assim, eles me colocaram na porta do inimigo.

Ninguém sabe de verdade de onde a Nação do Islã recebe seu dinheiro. Uma grande quantidade, sem dúvida, é contribuída por negros, mas existem rumores de que pessoas como os birchitas¹ e certos milionários brancos do petróleo do Texas veem com bons olhos o movimento. Não tenho certeza se há fundamentos para os boatos, no entanto, visto que essas pessoas fazem tanta questão de manter as raças separadas, eu não ficaria surpreso se, por detrás da fumaça, houvesse fogo.

De qualquer forma, durante um recente encontro da Nação do Islã, George Lincoln Rockwell, chefe do partido nazista americano, fez questão de contribuir

com cerca de vinte dólares para a causa, e ele e Malcolm X decidiram que, do ponto de vista racial, encontravam-se de acordo. A glorificação de uma raça e a conseqüente degradação de outra - ou de outros - sempre foi e sempre será uma receita para o assassinato. Não há maneira de contornarmos esta questão. Se alguém puder tratar qualquer grupo de pessoas com especial desprezo por causa de sua raça ou cor da pele, não haverá limite para o que se possa fazê-los suportar e, uma vez que toda a raça foi misteriosamente condenada, não há impedimento a sua destruição a partir da raiz. Foi exatamente o que os nazistas tentaram. Sua única originalidade residia nos meios que utilizaram. É malogrado tentar lembrar quantas vezes o sol lançou seus raios sobre o massacre de inocentes. Mas também estou muito preocupado que os negros americanos alcancem sua liberdade nos Estados Unidos. Mas eu também estou preocupado com a nossa dignidade, a saúde de nossas almas e me oponho a qualquer tentativa que os negros possam fazer a outros o que foi feito para eles. Tenho a impressão de conhecer - e nós o vemos ao nosso redor todos os dias - o deserto espiritual ao qual essa estrada leva. É um fato tão simples e aparentemente tão difícil de entender: quem subjulga os outros está se subjulgando. Esta não é uma afirmação mística, porém realista, o que é comprovado pelos olhos de qualquer xerife do Alabama - e eu não gostaria que os negros chegassem a um estado tão miserável.

Agora, é extremamente improvável que os negros cheguem ao poder nos Estados Unidos, porque são apenas aproximadamente um nono desta nação. Eles não estão na posição dos africanos, que estão tentando recuperar suas terras e interromper o jugo colonial e se recuperarem da experiência colonial. A situação dos negros é perigosa de uma maneira diferente, tanto para os negros quanto para o país do qual ele forma uma parte tão problemática e perturbadora. O negro americano é uma criação única, ele não tem contraparte em qualquer lugar e não possui antecessores. Os muçulmanos reagem a esse fato histórico referindo-se ao negro como “o chamado Negro americano”¹ e substituindo os nomes herdados da escravidão pela letra “X”. É fato que todo negro americano possui um sobrenome que originalmente pertencia ao homem branco cuja propriedade ele pertencia. Chamo-me Baldwin porque fui vendido pela minha tribo africana ou sequestrado pelas mãos de um cristão branco chamado Baldwin, que me forçou a ajoelhar-me aos pés da cruz. Eu sou, então, de maneira visível e legal, descendente de escravos em um país protestante e branco, e é isso que significa ser um negro norte-americano, e tudo isto é o que ele é: um pagão sequestrado, vendido como um animal e tratado como tal e que já foi definido pela Constituição Americana como “três quartos” de um homem e que, de acordo com a decisão de Dred Scott, destituído

de direitos que um homem branco era obrigado a respeitar. E hoje, cem anos após sua emancipação puramente técnica, ele permanece – com a possível exceção do Índio americano – a criatura mais desprezada e subjugada em seu país.

Neste momento, não há possibilidade de uma mudança real na situação da população negra sem mudanças mais radicais e de maior alcance na estrutura política e social americana. Por sua vez, é explícito que os brancos americanos não estão simplesmente dispostos a efetuar essas mudanças: eles são, em geral, tão preguiçosos que se tornaram, incapazes de visualizá-los. Acrescente o fato que o próprio negro não acredita mais na boa fé dos americanos brancos, se é que algum dia chegou a ter. O que o negro descobriu, em escala internacional, é o poder de intimidar que ele sempre teve em particular, mas até agora só podiam ser manipulados em particular, frequentemente para fins privados e limitados. E, portanto, quando o país fala de um “novo” negro que surge, mudança esta feita a cada hora por décadas, não está realmente se referindo a uma mudança no negro, que, de qualquer forma, são incapazes de avaliar, mas apenas a uma nova dificuldade em mantê-lo em seu lugar, ao lugar em que sempre se encontrou (de novo! de novo!), barrando-nos em mais uma porta para nosso acesso espiritual e social. Isso é provavelmente tão difícil e estranho como pode parecer, a coisa mais importante que um ser humano pode fazer por outro, daí o tormento e a necessidade do amor – e essa é a enorme contribuição que o negro trouxe a este país disforme e antes desconhecido. Consequentemente, os americanos brancos nunca estiveram tão iludidos quando supõem que negros esperavam que os brancos lhes outorgariam qualquer coisa. É raro que as pessoas dêem alguma coisa. A maioria das pessoas guarda e guarda, elas supõem que o que elas identificam como elas mesmas o que estão guardando e mantendo, enquanto o que elas estão realmente guardando e mantendo é o seu sistema de realidade e o que elas assumiram ser. Não se pode dar nada, seja o que for, sem dar-se a si mesmo, ou seja, arriscar-se. Se somos incapazes de arriscar, somos, definitivamente, incapazes de dar.

E, afinal, só se pode dar liberdade libertando alguém. E, no caso do negro, a república americana nunca tornou-se suficientemente madura para realizar. Os americanos brancos se contentaram com gestos que agora são descritos como “tokenismo”. Por exemplo, os americanos brancos se congratularam com a decisão da Suprema Corte de 1954 que proíbe a segregação nas escolas. Eles supõem, apesar da montanha de evidências que desde então acumulara e diz o contrário, que isso era prova de uma mudança de coração, ou, como eles gostam de dizer, progresso. Possivelmente. Tudo depende de como lemos a palavra “progresso”. A maioria

dos negros que conheço não acreditam que essa imensa concessão teria sido feita se não fosse pela competição da Guerra Fria, e o fato de que a África estava caminhando em direção a sua liberdade e, portanto, tinha por razões políticas e convenientes, que ser cortejada pelos descendentes de seus antigos mestres. Se fosse uma questão de amor ou justiça, a decisão de 1954 certamente teria ocorrido muito antes; se fosse pelas realidades do poder nesta era difícil, talvez não teria ocorrido até agora. É extremamente duro definir o caso desta maneira – talvez até de modo ingrato, por assim dizer –, mas a evidência que apóia essa definição não é facilmente refutada.

Pessoalmente, não acho que possa ser refutada. De qualquer forma, nunca se pode confiar na natureza desleixada e estúpida da boa vontade americana para lidar com problemas difíceis. Estes foram tratados somente por necessidade e, em termos políticos, de qualquer forma, necessidade significa concessões feitas para permanecer no poder. Eu acho que isso é um fato, que não serve para nada negar, mas, seja um fato ou não, é nisso que as populações negras do mundo, incluindo os negros americanos, realmente acreditam. A palavra “Independência” na África e a palavra “integração” aqui são quase igualmente sem sentido algum, isto é, a Europa ainda não deixou a África, e homens negros aqui ainda não são realmente livres. E essas duas últimas afirmações são fatos inegáveis, fatos relacionados, contendo a mais grave das implicações para todos nós.

Os negros deste país nunca puderam chegar ao poder, mas estão muito bem posicionados para precipitar o caos e fechar a cortina do sonho americano. Tudo isto refere-se, sem sombra de dúvida, à natureza desse sonho e com o fato de que nós, americanos, de qualquer cor, não ousamos examiná-lo minuciosamente e estamos longe de torná-lo realidade. Há muitas coisas que não queremos saber sobre nós mesmos. Por exemplo, as pessoas não estão terrivelmente ansiosas pela igualdade – afinal, iguais a quê e a quem? –, mas adoram a ideia de serem superior. E essa verdade humana tem uma força especialmente convincente aqui, onde a identidade é quase impossível de conquistar e as pessoas estão perpetuamente tentando fixar seus pés nas areias movediças no estado atual das coisas. Considere-se a história do trabalho em um país em que, do ponto de vista espiritual, não há trabalhadores, apenas candidatos à mão da filha do chefe. Ademais, conheci apenas algumas poucas pessoas – e a maioria delas não eram americanas – que realmente desejavam ser livres. A liberdade é difícil de suportar. Posso ser contestado que esteja falando de liberdade política em termos espirituais, porém as instituições políticas de qualquer nação são sempre ameaçadas e, em última

análise, finalmente controladas pelo estado espiritual daquela nação. Somos controlados aqui por nossa confusão, muito mais do que sabemos, e pelo que o sonho americano tornou-se, portanto, algo muito mais parecido com um pesadelo, essencialmente doméstico, mas também em escalas internacionais. Pessoalmente, às vezes não suportamos o estado de nossas vidas e, mesmo assim, não ousamos examiná-las. Internamente, não nos responsabilizamos, sem orgulho, pelo que se passa em nosso país, e, internacionalmente, somos, para milhões de pessoas, um desastre absoluto.

Quem duvida dessa última afirmação precisa apenas abrir seus ouvidos, seu coração e sua mente para testemunhar - por exemplo - qualquer pessoa cubana, camponês ou qualquer poeta espanhol, e perguntar-se o que ele iria sentir sobre nós quando sua terra foi vítima de nosso domínio no período pré-Castro em Cuba ou na Espanha. Defendemos nosso papel curioso na Espanha, no que se refere à ameaça russa e à necessidade de proteger a liberdade do mundo. Não nos ocorreu que simplesmente ficamos hipnotizados pela Rússia e que a única vantagem real que a Rússia tem - o que consideramos uma luta entre o Oriente e o Ocidente - são os antecedentes da história moral do mundo ocidental. A arma secreta da Rússia é a perplexidade, o desespero e a fome de milhões de pessoas cuja existência mal temos consciência. Os comunistas russos não estão nem um pouco preocupados com essas pessoas, mas nossa ignorância e indecisão tiveram o efeito, se não de entregá-las nas mãos dos russos, de mergulhá-los profundamente na sombra cujo efeito - e é difícil culpá-los - os mais articulados entre eles e os mais oprimidos também desconfiam de nós ainda mais. Nosso poder e nosso medo de mudar ajudam a unir essas pessoas em torno de sua miséria e espanto, e, na medida em que acham esse estado de coisas intolerável, somos intoleravelmente ameaçados. Pois, se para eles o estado em que se encontram é intolerável, mas são oprimidos demais para mudá-lo, eles são simplesmente peões nas mãos de poderes maiores, que são sempre inescrupulosos e, quando, eventualmente, mudam a situação - como em Cuba - somos ameaçados mais do que nunca pelo vácuo que sucede a todas as revoltas violentas.

Certamente, já deveríamos saber que uma coisa é derrubar um ditador ou repelir um invasor, e outra coisa é realmente dar cabo a uma revolução. Por inúmeras e incontáveis vezes, as pessoas descobrem que simplesmente foram traídas nas mãos de outro faraó, que se achando necessário para organizar um país totalmente destruído, se aproveitará e não os deixará partir. Talvez as pessoas sejam os enigmas que certamente são e tenham tão pouco desejo de se responsabilizar com

o fardo de suas vidas. E isto sempre acontece. Mas, do fundo de meu coração, não acredito nisso. Eu sempre acho que as pessoas podem ser melhores do que são. Somos capazes de suportar um grande fardo, uma vez que descobrimos que o fardo é a própria realidade e, por fim, nos identificamos com ela. De qualquer forma, o momento que estamos vivendo é uma era de revolução, concordemos ou não, e que a América é a única nação ocidental com grande poder e, como espero sugerir, a experiência que pode ajudar a tornar essas revoluções realidade e com mínimos prejuízos humanos. Qualquer tentativa de nos opormos a essas explosões de energia equivale a assinar nossa sentença de morte.

Por detrás do que pensamos ser a ameaça russa, está o que não queremos enfrentar e o que os americanos brancos não enfrentam em face ao negro: a realidade - o fato de que a vida é trágica. A vida é trágica simplesmente porque a terra gira, e o sol inexoravelmente nasce e se põe, e um dia, para cada um de nós, o sol se põe pela última vez. Talvez toda a raiz do nosso problema, o problema humano, seja que sacrificamos toda a beleza de nossas vidas nos aprisionando em totens, tabus, cruces, sacrifícios de sangue, torres, mesquitas, raças, exércitos, bandeiras, nações, a fim de negar a evidência da morte, que é a única certeza que temos. Sou dos que acreditam que o indivíduo deve alegrar-se com a certeza da morte - pois ele deve decidir, de fato, conquistar a própria morte, confrontando com paixão o enigma da vida. Somos responsáveis pela vida: é o pequeno farol naquela escuridão aterradora de onde viemos e para o qual retornaremos.

É preciso negociar essa passagem da maneira mais nobre possível, para o bem daqueles que estão vindo atrás de nós. Mas os americanos brancos não acreditam na morte, e é por isso que a escuridão da minha pele os intimida tanto. E é também por isso que a presença do negro neste país pode causar sua destruição. É responsabilidade dos homens livres confiar e celebrar o que é constante: nascimento, luta e morte são constantes, e o mesmo acontece com o amor, embora nem sempre conseguimos pensar assim. E apreender a natureza da mudança, ser capaz e disposto a mudar. Falo de mudança não na superfície, mas de modo profundo - mudança no sentido de renovação. Mas renovação torna-se impossível se supusermos que algumas que não são sejam constantes, como segurança, por exemplo, dinheiro ou poder. O indivíduo se apega então a quimeras, pelas quais só pode trair, toda a esperança, toda a possibilidade de liberdade desaparece. E por destruição quero dizer precisamente a abdicação dos americanos de qualquer esforço para realmente serem livres. O negro pode dar início a essa abdicação porque os americanos brancos nunca, em toda a sua longa história, conseguiram

vê-lo como um homem igual a eles. Este ponto não precisa ser detalhado, isso está provado repetidamente pela posição contínua do negro neste país e pela sua luta indescritível para derrotar o estratagemas que os americanos brancos usam e usam para negar sua humanidade. A América poderia ter usado de outras maneiras a energia que ambos os grupos gastaram nesse conflito. A América, de todas as nações ocidentais, está em melhor posição para provar a inutilidade e a obsolescência do conceito de cor. Mas não se atreveu a aceitar esta oportunidade, ou mesmo concebê-la como uma oportunidade. Os americanos brancos a pensaram como uma vergonha e invejaram os europeus mais civilizados e as nações mais elegantes que não eram perturbadas pela presença de homens negros em suas costas. Isso ocorre porque os americanos brancos supuseram que “Europa” e “civilização” são sinônimos - o que não são - e desconfiam de outros padrões e outras fontes de vitalidade, especialmente as produzidas na própria América, e tentaram se comportar em todos os assuntos como se o que estivesse a leste da Europa fosse também oriental para eles. O que acontece é que, se nós, que dificilmente podemos nos considerar uma nação branca, persistirmos pensando em como nós mesmos nos condenamos e com as nações verdadeiramente brancas, à esterilidade e à decadência, enquanto que, se pudéssemos nos aceitar como nós somos, poderíamos trazer nova vida às realizações ocidentais e transformá-las.

O preço dessa transformação é o da liberdade incondicional da população negra: não é demais dizer que o negro que, há tanto tempo foi rejeitado, deve agora ser acolhido. E independentemente do risco psíquico ou social, ele é a figura central em nosso país, e o futuro americano é precisamente tão claro ou escuro como será o seu. E o negro reconhece isso de maneira negativa. Daí a pergunta: eu realmente quero ser integrado a uma casa em chamas?

Os americanos brancos acham tão difícil quanto os brancos em outros lugares de se despir da noção de que estão de posse de algum valor intrínseco que os negros precisam ou desejam. E essa suposição - que, por exemplo, faz com que a solução para o problema da população negra dependa da velocidade com que os negros aceitem e adotem os padrões da branquitude - é revelado de inúmeras maneiras, como a garantia de Bobby Kennedy de que um negro pode se tornar presidente em quarenta anos ao tom infeliz de felicitações calorosas com que tantos políticos liberais direcionam ao seus colegas negros. É claro que é ao negro que se presume ter tornado-se igual - uma conquista que não apenas comprova o fato reconfortante de que a perseverança não tem cor, mas também confirma definitivamente o senso de valor próprio do homem branco. Infelizmente, esse

valor dificilmente pode ser corroborado de qualquer outra maneira, certamente há muito pouco da vida pública ou privada do homem branco que deveríamos querer imitar. Homens brancos, no fundo de seus corações, sabem disso. Portanto, uma grande quantidade de energia é despendida no que chamamos de problema do Negro e é produzida pelo profundo desejo de não ser julgado por aqueles que não são brancos, de não ser visto como ele é e, ao mesmo tempo, uma grande quantidade de angústia branca está enraizada na necessidade igualmente profunda do homem branco de ser visto como ele efetivamente é, de ser libertado da tirania do seu espelho.

Todos nós sabemos, sendo capazes de admitir ou não, que os espelhos só podem mentir, e confiar neles é como morrer afogado. É, portanto, a razão pela qual o amor é tão desesperadamente procurado e tão engenhosamente evitado. O amor tira as máscaras que tememos e que acreditamos que não podemos viver sem e com as quais não podemos manter. Eu uso a palavra “amor” aqui não apenas no sentido pessoal, mas como um estado de ser, ou um estado de graça - distinto do modo americano infantil de ser feliz, mas no sentido duro e universal de jornada e coragem e crescimento. Portanto, as tensões raciais que ameaçam os americanos hoje têm pouco a ver com antipatia real ao seu suposto contrário ou apenas simbolicamente com a questão da cor. Essas tensões estão enraizadas nas mesmas profundezas das quais o amor brota, ou assassinato. O que os homens brancos não admitem - e aparentemente, para eles é indizível - são seus medos e anseios particulares projetados sobre o negro. A única maneira dele se libertar do poder tirânico que o negro exerce sobre o homem branco é aceitar, com efeito, tornar-se negro, um homem de cor, tornar-se parte daquele país de sofrimento e alegria que ele agora assiste melancolicamente das alturas de sua poder solitário e, armado com seus travellers checks espirituais, e com as visitas clandestinas após o anoitecer.

Como alguém pode respeitar, quanto mais adotar, os valores de um povo que, em qualquer nível, não vive da maneira que prega e muito menos da forma que recomenda? Recuso-me a aceitar a proposição de que o trabalho escravo de quatrocentos anos do negro americano resulta meramente no presente nível da civilização americana. Estou longe de estar convencido de que ter me libertado do feiticeiro africano valesse a pena se eu agora - a fim de apoiar as contradições morais e a aridez espiritual da minha vida - me tornasse dependente do psiquiatra americano. É o tipo de barganha que eu recuso. A única coisa que os brancos têm que os negros precisam, ou deveriam querer, é poder - e ninguém detém poder

para sempre. Os brancos não podem, em geral, ser tomados como modelos de como deveríamos viver. Pelo contrário, o homem branco está em dolorida necessidade de novos padrões, é o que o libertará de sua confusão e o colocará novamente em frutuosa comunhão com as raízes profundas de seu próprio ser. E reafirmo: o preço da libertação da branquitude é a libertação dos negros - a libertação total, nas cidades, nas vilas, perante a lei e na mente. O motivo, por exemplo, sobretudo por conhecer esta família, de eu querer casar com sua irmã, é um grande mistério para mim. Mas sua irmã e eu temos todo o direito de casar, se quisermos, e ninguém tem o direito de nos proibir. Se ela não puder elevar-me ao nível dela, talvez eu possa elevá-la ao meu.

Em resumo, nós, negros e brancos, precisamos profundamente um do outro aqui, se quisermos realmente nos tornar uma nação - se quisermos realmente conquistar nossa identidade, nossa maturidade, como homens e mulheres. Criar uma nação provou-se uma tarefa terrivelmente difícil. Certamente, não há necessidade neste momento de criarmos duas nações, uma preta e uma branca. Mas homens brancos com muito mais poder político do que aquele que o movimento Nação do Islã possui, vêm, com efeito, defendendo exatamente isso há gerações. Se esse sentimento é respeitado quando enunciado dos lábios do senador Byrd, então não há razão para não ser também respeitado quando dito através dos lábios de Malcolm X. E qualquer comitê do Congresso que deseje investigar este último também deve estar disposto a investigar o primeiro. Eles estão expressando exatamente os mesmos sentimentos e representam exatamente o mesmo perigo. Não há absolutamente nenhuma razão para supor que os brancos sejam melhores para redigir as leis pelas quais eu devo ser governado do que eu. É inteiramente inaceitável que eu não tenha voz em assuntos políticos do meu próprio país, pois não sou de uma ala da América: sou um dos primeiros americanos a pisar neste solo.

Este passado, o passado da população negra, das algemas, do fogo, da tortura, da castração, do infanticídio, do estupro, de morte e da humilhação, do medo do dia e da noite, do medo tão profundo como a medula óssea, da dúvida se seria digno de vida, já que todos ao seu redor o renegavam, de tristeza por suas mulheres, por seus parentes, por seus filhos, que precisavam de sua proteção e a quem ele não podia proteger. Raiva, ódio, ressentimento e assassinato, de ódio tão profundos pelo homens brancos que não raro se voltava contra ele e os seus, e tornavam impossível todo e qualquer tipo de amor, confiança e alegria - esse passado, esse infinita luta para revelar e confirmar uma identidade humana, uma subjetividade humana, que contém, apesar de todo horror, algo muito bonito. Não

pretendo fazer sentimentalismo à custa do sofrimento - certamente, o suficiente é tão bom quanto um banquete - mas pessoas que não estão atentas ao seu sofrimento nunca podem crescer, nunca podem descobrir quem elas são. Como aquele homem que é forçado todos os dias a apanhar sua masculinidade, sua identidade, do fogo da crueldade humana que insiste em destruí-la, e se ele sobrevive ao seu esforço, ou mesmo que não sobreviva, compreenda algo sobre si mesmo e sobre a vida humana que nenhuma escola na terra e nenhuma igreja pode ensinar. Ele conquista, assim, sua própria subjetividade, e isso é inabalável. Porque, para salvar sua vida, ele é forçado a olhar através das aparências, a não dar nada por garantido, a ouvir o significado oculto das palavras. Se este indivíduo está continuamente sobrevivendo ao pior que a vida pode lhe oferecer, ele cessa de ser controlado por um medo do que a vida lhe traz; tudo o que lhe surge é capaz de ser suportado. E nesse nível de experiência, a amargura começa a ser elaborada e o ódio se torna um saco muito pesado para carregar.

A apreensão da vida breve e inadequada foi a experiência de gerações inteiras da população negra e ajuda a explicar como eles resistiram e como foram capazes de produzir crianças em idade de jardim de infância que possam andar por multidões até chegar à escola. Exige muita força e grande astúcia para atacar continuamente a poderosa e indiferente fortaleza da supremacia branca, como os negros deste país há tanto tempo o fazem. Isto exige grande resiliência espiritual para não odiar o opressor cujo joelho está no seu pescoço, e apenas um milagre de percepção e caridade para não ensinar seu filho a odiar. Os meninos e as meninas negros que hoje enfrentam multidões saem de uma longa fila de aristocratas improváveis - os únicos aristocratas genuínos que este país jamais produziu. Eu digo “este país” porque o seu quadro de referência é totalmente norte-americano. Diante da montanha da supremacia branca, eles esculpem com esforço a pedra de sua individualidade. Eu tenho um grande respeito pelo imenso exército anônimo de homens e mulheres negros que caminharam pelos jardins e entraram pelas portas dos fundos, dizendo “Sim, senhor” e “Não, senhora” para adquirir um teto novo para sua escola, novos livros, um novo laboratório de química, mais camas para os dormitórios. Eles nunca gostaram de dizer “Sim, senhor” e “Não, senhora”, mas o país segue sem pressa de educar negros, esses homens e mulheres sabiam que o trabalho tinha que ser feito, punham o orgulho de lado e realizavam o que precisava ser feito.

Custa-me acreditar que eles eram de algum modo inferiores aos homens e mulheres brancos que abriram aquelas portas dos fundos. Custa-me acreditar que

aqueles homens e mulheres, criando seus filhos, comendo suas verduras, praguejando suas maldições, derramaram suas lágrimas, cantando suas canções, fazendo amor, enquanto o sol nasceu e se pôs, tornaram-se de alguma forma inferiores aos homens e mulheres brancos que lentamente compartilhavam esses esplendores depois que o sol se punha. No entanto, devemos evitar o erro europeu: não devemos supor que dada as situações, os percursos, e as percepções dos negros tão radicalmente diferentes dos brancos, ele seriam racialmente superiores. Tenho orgulho dessas pessoas não por causa de sua cor, mas por causa de sua inteligência, força espiritual e beleza. O país também deveria se orgulhar deles, mas, infelizmente, poucas pessoas neste país sequer sabem de sua existência. E a razão dessa ignorância é que o conhecimento do papel que essas pessoas desempenhavam - e desempenham - na vida americana revela mais sobre a América para seus habitantes do que os americanos desejam saber.

O negro norte-americano tem a grande vantagem de nunca ter acreditado naquela coleção de mitos que os americanos brancos se apegam: de que seus ancestrais eram todos heróis amantes da liberdade, que nasceram no maior país que o mundo já viu, ou que os americanos são invencíveis durante as batalha e sábios em tempos de paz, que os americanos sempre lidaram honrosamente com mexicanos e indianos e todos os outros vizinhos ou inferiores, que os homens americanos são os mais diretos e viris do mundo, que as mulheres americanas são puras. Negros sabem muito mais sobre americanos brancos do que isso; quase se pode dizer, de fato, que eles sabem mais sobre os brancos americanos o mesmo que os pais - ou pelo menos as mães - sabem sobre seus filhos e que não raro consideram os brancos americanos dessa maneira. E talvez esta atitude, apesar do que sabem e sofreram, ajuda a explicar por que os negros, em geral, e até recentemente, tem se permitido sentir tão pouco ódio. A tendência tem sido, na medida do possível, de descartar os brancos como as vítimas irrefletidas de sua própria lavagem cerebral. Basta alguém observar a vida que levam e, portanto, não se pode se enganar sobre isso. Basta observar o que fizeram e as desculpas que eles deram a si mesmos, e se um homem branco estava realmente com problemas, problemas angustiantes, era à porta de um negro que ele vinha. Este se pudesse contar com as vantagens mundanas daquele homem branco, jamais teria ficado tão confuso e tão sem alegria e tão impensadamente cruel quanto ele. O negro procurou o homem branco por um teto ou por cinco dólares ou por um carta ao juiz: o homem branco procurou o negro por amor. Mas ele não era capaz de dar o que vinha procurar. O preço era muito alto e ele tinha muito a perder. E o negro sabia disso também. Quando se sabe tanto sobre um homem, é impossível para nós odiá-lo, mas a menos que ele

se torne um homem igual a nós, é também impossível amá-lo. Por fim, tende-se a evitá-lo, pois a característica universal das crianças é acreditar que elas têm a prerrogativa do sofrimento e, portanto, o monopólio sobre você. Pergunte a qualquer negro o que ele sabe sobre os brancos com quem ele trabalha. E então pergunte aos brancos com quem ele trabalha o que eles sabem sobre ele. Como o passado do negro norte-americano pode ser elaborado? É perfeitamente possível que esse passado de desonra retorne em breve para ferir a todos nós. Existem algumas guerras, por exemplo - se alguém no mundo ainda está louco o suficiente para ir à guerra que o negro americano apoiará, por mais que seu povo seja coagido - há um limite para o número de pessoas que qualquer governo pode encarcerar. Há uma conta chegando que temo que a América não esteja preparada para pagar. "O problema do século XX", escreveu W.E.B Du Bois, cerca de sessenta anos atrás, "é o problema da cor". Um problema terrível e delicado, que compromete, quando não corrompe, todos os esforços americanos para construir um mundo melhor - aqui ou em qualquer lugar. É por esse motivo que tudo o que os americanos brancos pensam como verdade deve agora ser reexaminado. O que não gostaríamos de ver novamente é a consolidação dos povos com base na sua cor. Mas enquanto nós, no Ocidente, colocarmos o valor na cor do modo como fazemos, impossibilitamos que o grande número daqueles que não passaram por esta revisão de conceitos consolidem outros pontos de vista de acordo com qualquer outro princípio.

A cor não é uma realidade humana ou pessoal, é uma realidade política. Mas esta é uma distinção tão extremamente difícil de fazer que o Ocidente ainda não foi capaz de fazê-lo. E no centro desta terrível tempestade, desta vasta confusão, estão os negros desta nação, que agora devem compartilhar o destino de uma nação que nunca os aceitou, para a qual foram trazidos acorrentados. Bem, se é assim, não temos escolha senão fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para mudar esse destino, e não importa qual o risco - despejo, prisão, tortura, morte, teremos que enfrentar.

Para o bem de nossos filhos, a fim de minimizar a conta que eles devem pagar, é preciso ter cuidado para não se refugiar em nenhuma ilusão - e o valor colocado sobre a cor da pele é sempre e para sempre a toda parte, uma ilusão. Eu sei que o que eu demandando é impossível. Contudo, em nosso tempo, como em todos os tempos, o impossível é o mínimo que se pode exigir - e se, afinal, somos encorajados pela exibição da história humana em geral, e da história do negro americano em particular, testemunhamos nada mais, nada menos do que a tentativa infinita de realização do impossível.

Quando eu era muito jovem e estava com meus amigos naqueles becos sujos e fedidos de vinho e urina, algo em mim se perguntava: qual destino está reservado a toda essa beleza? Para os negros, embora eu saiba que somente alguns de nós, pretos ou brancos, ainda não sabem que são lindos. E quando me sentei à mesa de Elijah e observei o bebê, as mulheres e os homens, e conversamos sobre Deus - ou sobre a vingança de Allah, eu me perguntava, quando essa vingança fosse alcançada: qual destino está reservado toda essa beleza então? Pude prever que a intransigência e a ignorância do mundo branco podem tornar essa vingança inevitável - uma vingança que realmente não depende e não pode realmente ser executada por qualquer pessoa ou organização e isso não pode ser impedido por nenhuma força ou exército policial: a vingança histórica, uma vingança cósmica, baseada na lei que reconhecemos quando dizemos: “Tudo aquilo que sobe, um dia cai”.

E aqui estamos nós, no centro do arco, presos na roda d'água mais berrante, valiosa e improvável que o mundo tem e já viu. Tudo agora, temos que admitir, está em nossas mãos, não temos o direito de supor o contrário. Se nós - e agora eu quero dizer os brancos relativamente conscientes e negros relativamente conscientes, que devem, como amantes, insistir e despertar consciência dos demais - não vacilem em nosso dever agora, podemos ser capazes com as vantagens que possuímos de acabar com o pesadelo racial e construir nossos países, e assim, mudar a história do mundo. Se não ousarmos agora desafiar tudo, o cumprimento daquela profecia escrita na Bíblia, recriada em spiritual na voz de um escravo, estará pendente sobre nós: Deus deu a Noé o sinal do arco-íris:

Chega de água, da próxima vez, o fogo.

Carta publicada originalmente na edição impressa da revista *The New Yorker* de [17 de novembro de 1962](#).

James Baldwin foi romancista, ensaísta, poeta e dramaturgo, morreu em 1987. Este texto posteriormente faria parte do livro *Da próxima vez, o fogo*.

Uma carta de um lugar de minha mente de James Baldwin

Edição, Tradução e Projeto Gráfico
Haroldo Saboia

Revisão
Humberto Torres

Para contato
haroldof@gmail.com

Edições à Deriva
São Paulo, Julho de 2021

Composto em Cooper Black e Garamond

Esta tradução foi feita de forma independente, para apenas fins educativos e não possui objetivos comerciais.

